



Source 100

Lith. de Lagerström & Co. Stockholm, S. M. 1864.

PRINCIPE MENSCHIKOFF.

ILLUSTRAÇÕES CONTEMPORANEAS.



O PRINCIPE DE MENSCHIKOFF.

ESTE nome, hoje repetido até á saciedade, não indicará o primeiro dos generaes modernos, não indicará mesmo um general consummado, mas indica de certo, na opinião publica da Europa, o primeiro dos generaes da Russia.

Quando a Turquia, arrastada por um sentimento que seria heroico e digno em outras circunstancias, mas que nas suas foi uma imprudencia indesculpavel, declarou a guerra á Russia, e Omer-Pachá avançou para os principados para encontrar o inimigo, a Europa esperava não uma batalha, mas uma carnagem, não uma guerra, mas uma simples invasão de armas na mão direita; embora se exaltassem ao infinito as qualidades militares do exercito turco, embora houvesse uma cega confiança nos conhecimentos e pericia d'Omer-Pachá, a idéa de Sinope estava presente a todos os animos, e os proprios que mais exaltavam o ardor dos turcos eram talvez os que menos acreditavam na possibilidade da sua resistencia.

Todos esperavam, poucos dias depois de declarada a guerra, que 200,000 homens, *esmagando nos principados pelo numero e pela força bruta* o exercito fraco e mal organizado d'Omer-Pachá, transpozessem o Danubio e os Balkans e viessem fazer o cêrco de Constantinopla, e ao principio os amigos da Turquia como que desviavam a vista da catastrophe que lhes parecia imminente; mas os mezes foram passando, os generaes russos vieram uns apoz outros aos principados; houveram escaramuças, combates mais ou menos seguidos, e o resultado? Não se pôde negar que foi muito abaixo da idéa que com justa razão se formava na Europa d'aquella potencia militar de primeira ordem. Diz-se e nós acreditámos, que a politica modificou e influuiu muito nas operações militares: que os

generaes cumpriram sempre o seu dever, mas segue-se então que foram infelizes por a sorte os ter collocado n'uma d'essas falsas posições em que é necessario sacrificar a reputação ao dever, que é talvez dos casos em que elle custa mais a cumprir.

Pelo contrario, desde o principio d'esta questão, Menschikoff apparece logo como o inimigo mais terrivel para a Turquia. Representante d'esse grande partido russo que aspira incessantemente á posse de Constantinopla, que é a chave que um dia lhe deve abrir o Mediterraneo, Menschikoff parece revestir uma triplice natureza para aggreir e aniquillar o imperio caduco dos Osmanlis.

Menschikoff, o diplomata, vestindo aquelle celebre *paletot* de reputação, hoje historica, produz a primeira crise no ministerio da Sublime Porta, e colloca os turcos no difficil dilemma de uma resistencia quasi impossivel, ou de uma sujeição peor que a resistencia.

Menschikoff, o almirante, manda atacar e metter no fundo a esquadra turca na bahia de Sinope, e não deixa sequer uma vela para levar a Constantinopla a noticia do sinistro.

Menschikoff, o general, defende a todo o transe Sebastepol, obriga os alliados a uma campanha de inverno na Criméa, as potencias occidentaes a esforços inauditos, que promettem continuar, e cujos resultados por ora ninguem calcula.

Se fosse permittido, como algum dia, pôr a preço a cabeça dos inimigos, quantos milhões de piastras podia dar a Turquia pela cabeça de Menschikoff?

Não entrámos em os pormenores biographicos d'este personagem, para não repetirmos o que a seu respeito dissemos em o numero 7 da nossa *Revista*, na parte da histo-

ria da guerra do Oriente; cumprindo-nos apenas rectificar, que, segundo uma ultima biographia do principe que temos á vista, elle nasceu no anno de 1789, o que diminue quatro annos á idade que n'aquelle artigo lhe assignavamos.

Hoje sabe-se tambem que Menschikoff é um dos maiores proprietarios da Russia, senão talvez do mundo inteiro, e que trata por todos os modos de augmentar as suas riquezas, vivendo com a maior economia.

Verdade seja, que no seu palacio em S.

Petersburgo se nota o luxo o mais deslumbrador; mas os estrangeiros não tem entrada nos seus salões. Diz-se mesmo que uma deputação da Filandia, composta de pessoas mui distinctas, teve que partir sem ser admitida por Menschikoff no seu palacio, quando era governador geral d'aquella provincia.

Talvez estas linhas não saíam á luz antes de um grande acontecimento na Criméa ter feito elevar muito ou tambem deprimir muito o principe de Menschikoff na opinião publica da Europa.

VIAGENS.

VIAGEM Á CRIMÉA

PELO PRINCIPE DE DEMIDOFF. (*)

I.

De Odessa, que poderíamos chamar sem grande hyperbole, a digna capital de um novo mundo, seguimos viagem no *Pedro-o-Grande*, bello barco a vapor, que faz o serviço durante toda esta estação, entre Odessa e tres pontos principaes do antigo Chersoneso, Yalta, Theodosia e Kertch. Era para Yalta que nós iamos, e no mesmo barco, uma sociedade escolhida acompanhava madame a condessa Woronzoff, que se dirigia ao palacio de Aloupka, onde a esperava seu marido, o governador geral.

A 10 d'agosto, ao meio dia, deixando uma grande quantidade de curiosos, que tinham vindo até ao molhe para contemplar as equipagens e os nobres viajantes, que iam partir

no *Pedro-o-Grande*, este elegante barco de vapor fez-se ao mar largo.

Nomear todas as pessoas, que se achavam reunidas n'este barco, equivalia a enumerar todos os interlocutores de uma conversação geral, alegre, espirituosa e animada, na qual se gastaram as primeiras horas da viagem, que o tempo mais bello parecia favorecer.

Todas as senhoras, já acostumadas a este passeio de 80 legoas, que costumam dar mais de uma vez na mesma estação, mostraram-se familiarisadas com a vida maritima.

Passou-se a tarde socegada e alegremente; mas ao pôr do sol uma grande barra vermelha, que appareceu no horisonte, annunciou que a noite não havia de ser tão descansada. Os maritimos, os mais experimentados, assim o prognosticaram, e infelizmente tiveram todas as honras de bons prophetas.

Com effeito ao cair da noite, o vento soprou com violencia bastante para agitar as ondas, que vieram inundar a tolda não mui elevada do vapor. Houve então a bordo alguma confusão e muito enjôo, ainda entre os

(*) Não podendo publicar na sua integra esta obra, aliás tão curiosa nas actuaes circumstancias, vamos extrahir simplesmente algumas passagens de mais interesse.

passageiros os mais afeitos a estas borras-cas.

Pelo meio da noite, avistámos o pharol de Tendra, collocado na extremidade de uma comprida lingua de terra, que é tão baixa, que de dia chega a confundir-se com a linha d'agua. Depois vimos, á nossa esquerda, o pharol de Tarkanbout; e de manhã podíamos admirar mais claramente as praias e encostas, que tão confusas nos appareciam durante a noite, ao mesmo tempo que passavamos pelo meio de quatro náus e duas fragatas da marinha imperial, que faziam exercicio não longe da costa da Criméa, que avistámos ás 11 horas da manhã.

Um pharol collocado sobre a extremidade mais baixa do Chersoneso, indica o primeiro ponto da costa meridional. Bem depressa se apresentam á vista altas montanhas de um aspecto tão pittoresco, que se poderiam equivo-car com a separação natural, que divide Genova do ducado de Lucca.

Passado o primeiro cabo, corremos rapidamente, mas sempre com um ar agitado, ao longo d'esses bellos sitios, que a obsequiosa condescendencia dos nossos companheiros de viagem nos ia rapidamente enumerando. Este promontorio immenso é o cabo Parthenio: no seu extremo, que não deixa de ter alguma poesia, porque foi n'este logar, celebrado por todos os poetas antigos, que teve logar o bello drama d'Oreste e Iphigenia, e no fundo da enseada, sobre uma alta montanha de enormes rochas, vê-se o mosteiro de S. Jorge, coroado com o seu immenso zimborio vermelho, e pelas agulhas douradas do seu para-raios. Em seguida, vê-se Balaklava e as suas ruinas genovezas, campeando sobre um rochedo, que domina uma estreita enseada, na qual os navios e os barcos de pesca entram como em um porto. Esta enseada, que parece occulta de proposito pela natureza, offerece um abrigo seguro, e como reservado de todas as vistas. Alli nem os mastros, nem as enxarcias, por mais que se elevassem, denunciariam a presença dos navios por detraz d'estas muralhas de rochas.

Mais longe, o cabo Aia apparece na ponta meridional extrema da Taurida; este cabo, que os gregos tinham denominado *Kriou-metopon*, mostrava aos geographos antigos a mesma apparencia, que hoje tem, da cabeça de um carneiro, de que lhe provém o nome. — Continuando esta viagem, os sitios se vão embelezando successivamente. A natureza mostra-se menos silvestre, e a barreira immensa das montanhas parece desviar-se, deixando, entre a praia e os seus cumes, vertentes re-

vestidas de verdura, e lindas habitações. — Kastropoulo, um d'estes estabelecimentos uteis, que tem tornado por tantas razões respeitavel, e respeitado o nome de meu pae, seu fundador, veiu apresentar á nossa vista as suas casas brancas e alegres, dominando uma extensão immensa de vinhedo, que vem terminar quasi á borda do mar. A vista d'este dominio, que me era desconhecido, e que se me apresentava como uma das partes mais importantes da herança paternal, á vista das nobres tentativas de um homem de bem para animar n'esta terra remota uma cultura, que um dia a pôde tornar rica, posso dizer que me faltaram as palavras para exprimir a minha commoção.

Bem depressa a parte habitada pelos ricos proprietarios da costa meridional começou a desenvolver-se á nossa vista; um palacio bysantino, deliciosa phantasia oriental, destaca o seu ligeiro perfil no meio de espessos bosques de verdura, e faz ondular aos ventos a nossa bandeira nacional; era o Aloupka uma especie de cabeça de comarca d'esta nova colonia de castellos; e mesmo á distancia a que navegavamos, podêmos ouvir o som de tres tiros de peça, que saudaram a nossa passagem. Um pharol collocado sobre uma altura isolada marca a entrada da bahia de Yalta, e annunciou o fim da nossa navegação. — O tempo contrario nos tinha feito chegar 6 horas mais tarde do que é costume.

O *Pedro-o-grande* fundeou a pequena distancia do molhe, que só protege das ondas do mar largo os barcos pequenos.

Um instante depois, uma ligeira barca atravessava este mar bastante inquieto. Trazia mr. o conde de Woronzoff, que eu achei, como sempre, bom, amavel, affectuoso, e até mesmo parecendo mais moço, pela benéfica influencia da felicidade dos que o cercavam: a physionomia do conde, bella e socegada, parecia trazer impresso esse cunho que revela o prazer da alma d'aquelle, que só trata de fazer os outros felizes.

A recepção que nos fez o conde penetrou de reconhecimento, tanto a mim, como aos meus companheiros, que encontraram n'elle esta cordialidade generosa, que se occulta ordinariamente debaixo d'esses exteriores os mais simples e naturaes.

Logo depois estavamos em terra, estabelecidos muito á vontade em uma hospedaria, dirigida (oh! nada das grandezas humanas) pelo signor Bartolucci, antigo *basso cantante* do theatro de Odessa.

II.

Criméa. — Tagaurock. — Novo Tcherkask.

Poucas posições ha tão pittorescas como a da aldêa de Yalta: o seu porto é mais um ornamento do que um porto. As altas montanhas da cordilheira do Yaïla cobrem com a sua sombra as casas, quasi todas novas, d'esta aldêa, ou antes elegante villa. Edificada recentemente sobre o local de uma antiga cidade grega, bastante consideravel, Yalta abrange toda a parte septentrional de uma bahia muito espaçosa, que se abre entre o cabo Niketa, ao norte, e o cabo Ai-Todor, ao sul. — Esta bahia, cercada das suas bellas paysagens, é perfeitamente abrigada de um lado, em quanto do outro fica exposta aos ventos e ás ondas batidas do sudoeste: é um inconveniente que lhe é commum como Odessa; mesmo quando os ventos cessam, as ondas conservam-se agitadas por muito tempo dentro da bahia de Yalta, e as arêas arrastadas do fundo pelo movimento do mar, tendem a apertar successivamente um ancoradouro já de si bem pouco commodo.

Quanto ás instituições publicas, Yalta não fica atrás de qualquer cidade grande: alfandega, casa de correio, architecto, boticario, lojas cheias de tudo o que pôde desejar o mais acabado goloso, e que é um dos grandes fracos d'este paiz, nada lhe falta.

A hospedaria principal chama-se a *Città d'Odessa*, e tem todas as proporções para ser classificada como uma hospedaria decente: uma casa disposta com gôsto, e apropriada para receber os viajantes, foi mandada construir por ordem do conde Woronzoff. O conde parece o verdadeiro dono da casa n'estas abençoadas praias. N'este largo jardim da costa meridional não lhe escapou particularidade alguma, que se podesse tornar agradável ás suas visitas; mandando edificar a hospedaria, era necessario tratar do mordomo que a administrasse; foi então que o *signor Bartolucci*, o excellente *basso cantante*, deixou a scena de Odessa para vir a Yalta crear um papel todo novo, e que ainda d'esta vez desempenha perfeitamente a gôsto do publico.

No outro dia, as carruagens mandadas pelo conde Woronzoff nos transportaram a Alou-pka. O caminho que conduz de Yalta a esta bella residencia, primeiro costeia a praia que cir-

cumda a bahia; bem depressa eleva-se por uma subida bastante suave até ás primeiras collinas, que dominam o mar pelo lado do oeste. D'aqui a estrada segue até á base dos rochedos de Yaïla, que se elevam de repente, como uma muralha á altura de 1,800 pés, e se estendem d'esde Yalta até ao cabo Ai-Todor.

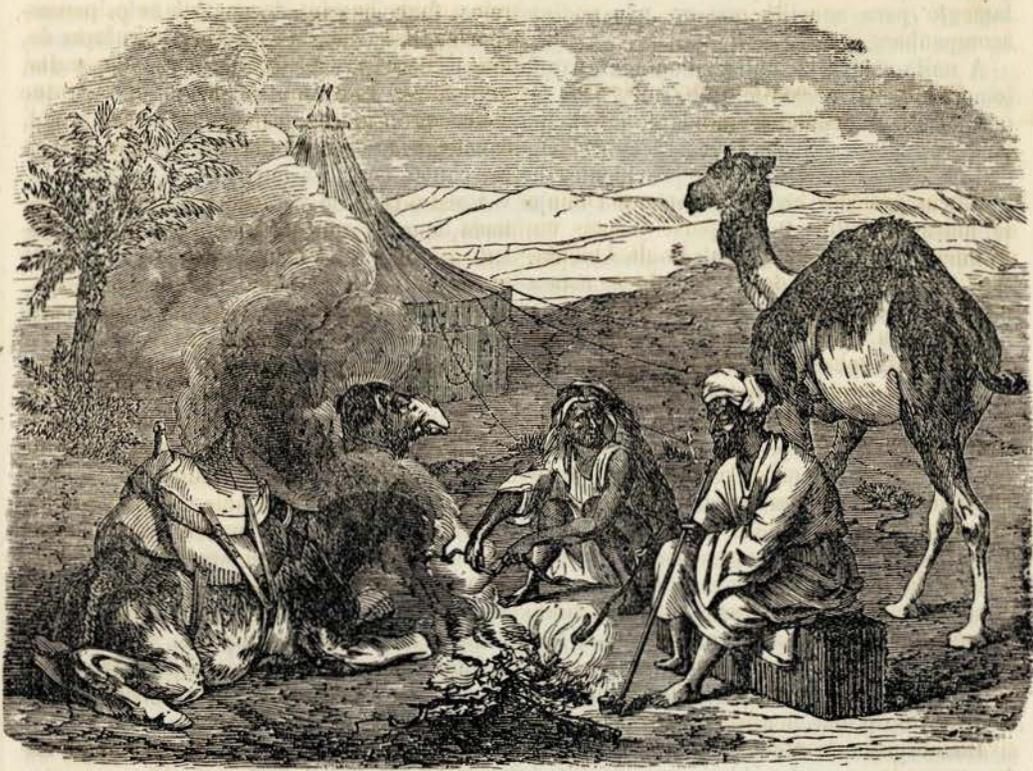
A estrada é de tal maneira unida e commoda, que as carraugens podem percorrel-a com a maior velocidade. Chegando ao meio da região das montanhas, encontram-se logo, ao longo do caminho, casas de recreio construidas com o gôsto mais apurado. — Aqui é um pequeno palacio asiatico com as discretas *gelosias*, e com as chaminés em fórma de *minarete*; mais longe encontra-se uma d'estas agradaveis casas de campo inglezas, todas cobertas de heras e mais arbusotos viçosos, que attestam uma primavera amena e prolongada. As vezes, é uma casa de madeira pintada com todo o apuro, que se esconde debaixo de bellas arcadas de verdura. De um lado, pequenas torres brancas e elevadas, mais longe ruinas pittorescas; e por toda a parte, arvores, relva, agua que jorra pelos campos, grinaldas de verdura, ramos carregados de dhalias viçosas, e mais flôres da estação.

Assim vae seguindo o viajante ao longo d'este caminho, que costeia durante 13 werstz (*), o declive das grandes montanhas do Yaïla; á sua esquerda brilha e se desenvolve um mar sem limites, e aos seus pes parecem sumir-se enormes quebradas que chegam até ao mar, e que se acham cobertas de casas de campo, vinhas, arvoredos, caminhos e atalhos, que as sulcam a capricho em todas as direcções.

Em todo o seu curso, é como em uma rua de parque inglez, a estrada é guarnecida por uma barreira pintada de branco, que, posto que fraca, protege das vertigens durante esta passagem rapida e seguida. Por toda a parte se vêem rochedos, que de uma altura de 1.000 pés estão imminentes sobre a cabeça do viajante, e que deixam escapar das suas fendas enormes uma vegetação luxuosa, que fluctua a capricho dos ventos.

N'estes sitios gozei um d'aquelles momentos, que, graças a Deus, escapam á analyse. É uma d'aquellas occasiões em que o individuo olha, contempla, e admira, mas não se lembra, que a palavra escripta possa nunca lutar com as bellezas encantadoras da paysagem. E tambem eu não era um viajante scientifico, muito menos um viajante poetico. A minha visita ao conde de Woronzoff tinha

(*) O werstz é igual a 484,8 braças.



Um acampamento nos steppes.

um fim serio e util; eu tinha de seguir para os paizes visinhos do Don, como fazendo parte da expedição que, sob as vistas de mr. Le Play, ia estudar aquelles sitios. Quanto me tardava ir julgar, por mim mesmo, da realidade das nossas esperanças communs, e de seguir o progresso dos meus companheiros n'esse estudo, que era o objecto de sua viagem; e se vinha a Aloupka não era para me entregar como um egoista ás impressões fugitivas da poesia; era para chegar mais depressa ao meu fim; e por isso não me queria demorar mais do que um dia nos encantos d'esta bella vida de castello asiatico.

Estava resolvido a subtrahir-me desde esta mesma noite a tão obsequiosa hospitalidade; mas a delicadeza do dono da casa, um céu esplendido, um paiz magnifico, quantas seducções não tinha eu que vencer, e quanto a resistencia era difficil; principalmente lembrando-me que me ia lançar de novo em *steppes* sem fim! Comtudo, devo dizer em meu proprio abono, que resisti.

Fazer os meus cumprimentos ao dono da

casa, agradecer-lhe em meu nome e de meus companheiros, tudo isto se podia fazer n'um só dia, e n'um só dia o fiz. O conde de Woronzoff, que comprehende perfeitamente as boas inspirações, avaliou todo o sacrificio que eu fazia a meus deveres. Recebeu os nossos collegas estrangeiros com esta cortezia affectuosa, que lhe attrahem todas as sympathias; e desde este momento foi para elles um guia e um protector. Já se pôde prever, que sob os seus generosos auspicios não hesitei em deixar dirigir, segundo as suas indicações, a visita minuciosa e circunstanciada, que eu tencionava fazer a este interessante paiz.

O dia pareceu um instante no meio d'essa reunião interessante e escolhida.

Depois de ter lançado um rapido olhar para os jardins agrestes de Aloupka, e para o magnifico palacio oriental, que o conde acabava n'esta epocha, esperando a visita de uma alta personagem, recompensa solemne e bem merecida por tão uteis trabalhos, despedi-me d'estes sitios, não sem ter ouvido da boca do nobre conde, muitos conselhos para a jornada

que ia emprender, e promessas de bom tratamento para aquelles que me não podiam acompanhar.

A noite estava já muito adiantada quando tomei de novo o caminho de Yalta, não só, porque o conde Galatezi, ajudante de campo do governador geral, em quem reconheci bem depressa um guia dedicado e previdente, me acompanhava por ordem superior na minha rápida excursão ao Don.

Durante todo o dia, o palacio de Aloupka, este lugar privilegiado, tinha tido uma temperatura agradável; não era assim na bahia de Yalta; o vento não tinha cessado de soprar, e as ondas agitadas tinham tornado difficil a communicação entre a terra e o *Petro-o-Grande*, onde se achava a minha carruagem. O mar não promettia socegar tão depressa, tanto mais que o capitão, antigo marinheiro inglez, e que entendia bem do seu officio, asseverava que era natural que o vento continuasse ainda a soprar por alguns dias.

A vista d'isto tomei logo o meu partido, abandonei a minha carruagem, que o barco a vapor devia levar n'outro dia para Kaffa, e resolvi-me a alugar até esta cidade uma *talegua* de posta, rapido, mas muito grosseiro vehiculo do paiz.

Esta especie de carruagem formada de taboas grossas e mal unidas, vae quasi toda cheia de palha, na qual o viajante colloca ordinariamente o seu capote, cobertores, etc. porque não tem outra especie de assento; accommoda ordinariamente dois viajantes, que nas subidas rapidas, quando a *talegua* é puchada a toda a força de dois cavallos fortes, precisam segurar-se um ao outro para não serem moidos (permitta-se-nos a expressão) dentro d'aquelle supplicio de nova especie. Na frente d'esta *soberba equipagem*, mas sem outra qualidade de assento mais do que uma simples taboa, vae o cocheiro, ou antes conductor, fallando constantemente aos seus cavallos; em fim a ultima distincção da *talegua* e o que a torna superior ao humilde *carroussi* dos valaquios, é uma campainha que vae suspensa na extremidade anterior da lança, e que faz muita bulha não só durante a marcha mas em quanto nos descansos se mudam as bestas, e que por consequencia impede ao viajante o dormir, o que lhe seria nimiamente perigoso n'un transporte de tão *commoda natureza*.

Quando se chega a qualquer cidade a campainha supprime-se, em *atenção aos ouvidos dos cidadãos*.

Deve notar-se que é n'estas grosseiras carruagens, (se de tal merecem o nome) que in-

numeraveis viajantes, officiaes, agentes, correios, funcionarios do governo, etc. percorrem continuamente o imperio, galopando, dia e noite, vencendo milhares de werts, muitas vezes sem outro abrigo mais do que o seu proprio capote; capote contra o sol, capote contra a chuva, capote contra a poeira, capote contra a lama!! É a panacéa universal. — Deixo agora a pensar aos meus leitores de que constituição é necessario ser dotado para resistir a uma viagem feita d'esta maneira.

Em menos tempo do que o necessario para descrever esta equipagem simples, e pôde dizer-se, que primitiva, tinhamos já vencido as longas e tortuosas voltas do valle de Yalta, e corriamos com uma velocidade espantosa por este bello caminho aberto no dorso das montanhas, e que domina o mar dirigindo-se para leste.

Tinhamos partido ao meio dia; ora n'esta epocha do anno (13 de agosto) é facil imaginar qual seria o calor que teriamos de experimentar; pôde dizer-se, sem exaggeração, que era uma fornalha a arder.

Sob a influencia dos raios inflamados que dardejava o sol, os nossos semblantes, em menos de uma hora, sentiram uma especie de queimadura, cujos vestigios por muito tempo se não poderam destruir.

Nikita com seus bellos jardins, Massandra e seu rico vinhedo, Ai-Danil e toda esta estrada tão pittoresca, desapareceram rapidamente á nossa vista. Chegamos depois a Aiou-Dayh. Este immenso promontorio bója tanto pelo mar dentro, que a estrada deixando de o contornar, entra n'uma segunda ordem de montanhas; é ali, graças a Deus, que encontraes frescos e deliciosos abrigos, grandes arvores, bellas florestas, cascatas, isto é, todos esses accidentes que formam as passagens que os pintores procuram de preferencia. Aqui a propria Italia é vencida, e vencida pela Criméa! É necessario que os paysagistas assim o confessem.

Alouchta, aldeola meia tartara, mas bastante consideravel, e situada sobre a praia, termina esta rica serie de contrastes e bellezas naturaes. Um valle consideravel vem terminar junto d'esta aldéa. — É aqui que se deixa a costa para entrar no interior da Taurida, e para seguir para o centro do paiz onde se acha Sympheropol.

Ao principio é necessario subir por muito tempo, porque a estrada segue os ultimos declives da Tchadir-Dagh. É esta, na verdade, uma montanha magestosa, e a mais alta da Criméa; o seu cume em plan'alto, como

dizem os geographos, offerece aos navios que viajam no Mar Negro, um ponto facil de reconhecimento; do lado do norte domina tambem toda a extensão do Steppe, este mar de poeira, onde as caravanas tartaras se saudam reciprocamente, às vezes de bem longe.

Quando a nossa modesta equipagem subiu estas asperas encostas, podêmos então reconhecer que o paiz se tornava menos pittoresco à medida que desciamos sobre o reverso septentrional de Tchadir-Dagh: a vegetação diminue, e vae bem depressa terminar na orla das planicies, porque d'ahi em diante já se não encontra mais do que no fundo de alguma quebrada, e ao longo do curso do Salghir. Comtudo esta natureza é bella e rica. Algumas aldêas se acham espalhadas por uma ou outra parte: a que se chama — Sultão-Mahmoud, — tem uma preferencia decidida nas minhas recordações, por causa de um acampamento immenso de bohemios que se achava nos seus arredores.

Sem sair da Europa, é impossivel fazer uma idéa mais completa d'essas tribus selvagens que dão tanto attractivo poetico ás descrições dos viajantes. Todos estes bohemios possuíam apenas alguns farrapos; as crianças e os adolescentes, não contemplados na partilha d'estes andrajos já hereditarios, nem por isso appareciam mais mal vestidos.

Em cada aldêa uma immensidade de cães esfomeados nos perseguiram constantemente até fóra do povoado.

Finalmente, chegámos a Sympheropol, hoje capital da Crimêa, e residencia do governador da Taurida. A jornada é verdade que tinha sido rapida, mas o nosso corpo é que o pagou; de maneira que recebemos com mui particular agrado o offerecimento, que nos fez o governador civil, mr. de Mourounzoff, de nos emprestar a sua carruagem até Kaffa.

Sympheropol, não obstante ser já longe das montanhas, não é ainda no Steppe. Os seus arredores, sulcados por algumas quebradas, onde a frescura das aguas conserva a vegetação, offerecem sitios mui proprios para a cultura das vinhas. O valle de Salghir, que se estende para o norte é notavel pela belle-

za das suas arvores. A cidade se divide em duas partes; ao principio a antiga Ak-Metchet dos Tartaros, onde se acham ruas estreitas, cheias de gente, com diferentes lojas de toda a qualidade, e classificadas pelos seus diversos generos de industria, segundo o uso oriental; depois a cidade nova, onde se conhecem já os alinhamentos e as ruas espaçosas das nossas capitaes. Uma igreja principal, de um desenho elegante, mas de ligeiros materiaes, adorna uma das mais vastas praças da cidade. Em um outro largo, ou para melhor dizer, n'um vasto campo de feira, situado no centro de Sympheropol, se accumula uma multidão confusa de compradores e vendedores; vêem-se todos os povos da criação do mundo, ouvem-se todas as linguas; parece mesmo que se está ao pé da torre de Babel.

Os gregos, os tartaros, os armenios, os judeus, e os russos, circulam incessantemente no meio de mercadorias e de animaes, através dos fogosos *droschkis* dos rusos, e dos pacificos *madgiars* dos tartaros, porque puxam dois enormes dromedarios de indole pacata, e com a sua competente dupla corcova.

Esta cidade é, pela sua posição geographica, o centro de todo o movimento.

Uma grande quantidade de casas novas se estão elevando n'esta capital: um poço artesianano promette uma grande abundancia de agua; algumas hospedarias, modernamente construidas, prestam ao viajante uma habitação mais commoda. É verdade que até ao presente os seus donos, fiados no costume que tem na Russia as pessoas das classes mais elevadas, de trazer consigo as camas quando viajam, não têm tratado de preparar para as suas hospedarias leitos mais commodos do que alguns canapés apenas cobertos de feno, triste recurso dos passageiros de todas as cathogorias, a quem uma ceia pouco succulenta, e as fadigas da viagem depressa convidam ao somno.

Esperae alguns annos ainda, e vereis os leitos penetrar n'estas hospedarias. Porventura não se tem visto progressos mais difficeis do que este?



VIAGEM D'ATHENAS A SPARTA.

(Continuado de pag. 289 do n.º 9)

O TEMPO estava magnifico. Passámos primeiro por Salamina em frente da esquadra franceza, fundeada no estreito; a esquadra estava todos os dias á espera da ordem de marcha, que devia ser para ella a ordem do combate. Não foi sem um sentimento de orgulho, e ao mesmo tempo de confiança no meu paiz, que vi fluctuar a bandeira da França por cima d'estes mares tão cheios de gloriosas recordações da antiguidade, e como que ainda impressos das vaidosas presumpções de Xerxes. Algumas horas depois estávamos em frente d'Egina. Como o templo de Minerva no cabo Sunium, o templo de Minerva em Egina se eleva sobre o promontorio da ilha, e se avista ao longe dominando toda a extensão d'este vasto mar, menos elegante do que o templo de Theseu, menos grandioso do que o Parthenon, de que é contemporaneo, reveste-se, comtudo, de um interesse todo particular.

As estatuas que adornavam o seu frontão apresentam, como se sabe, este singular contraste do movimento no corpo, e a immobillidade nas figuras, o que ellas tem de archaismo deve ser considerado como o signal evidente, não de uma epocha, mas de uma escola particular conhecida em toda a Grecia pelo nome de escola d'Egina.

Esta ilha, assim como todas as outras do Archipelago, não apparece ao viajante coberta de verdura, ou outra alguma especie de belleza natural; é preciso confessar que nada ha mais triste e desolado do que estas Cyclades, denominadas — *as felizes* — Milo não tem flôres. Naxos não tem arvoredos. Cytera não é mais do que um rochedo arido e escalvado. Na Sicilia, as lavadeiras lavam a roupa n'estas aguas de Arethusa, que mereciam a Virgilio tão extrema sollicitude. É por isso que os viajantes vem sempre maldizendo o paiz dos gregos, quando de lá voltam, e comparam, quando muito, o valle d'Eleusis á planicie de S. Diniz, e o Acropolis ás alturas de Mont-Martre.

É necessario *esperar* por a Grecia; effecti-

vamente a haveis encontrar cheia de atractivos e encantos; e se os seus deuses partiram levando os heroes consigo, no meio da desolação e da tristeza que a rodeia, a voz que parece elevar-se d'entre as suas ruinas, pouco a pouco vos attrahe e captiva.

Nada ha mais gracioso, que os contornos d'estas costas aridas; todos os movimentos d'estas linhas são perfectos e em harmonia; não ha saliencia alguma notavel, que interrompa a unidade do contorno, e destrua o effeito d'este desenho tão correcto e tão puro, não ha alli cousa alguma que desagrade; e é esta, talvez, uma das grandes bellezas do paiz; é elegante e distincto, o ar é de uma transparencia e de uma pureza, que não se encontra em parte alguma, nem mesmo no Oriente; a luz derrama-se symmetricamente, e produz effeitos maravilhosos n'aquellas encostas de que os diversos planos se desenvolvem á vista do navegante.

Ao meio dia chegámos a Hydra; a cidade é acieada e construida de uma maneira particular; fórma uma pyramide invertida; a sua base parte da margem do mar, estende-se e alarga-se na collina, desenvolvendo em fórma de leque as suas casas pintadas de uma infinidade de côres. Foram necessarios bastantes esforços para destruir este covil de piratas, que se intitulavam os unicos descendentes de Themistocles e de Epaminondas, e cuja tyrannia se tornou mais assustadora para a Grecia do que o poder despotico dos turcos.

Antes da revolução, Hydra não possuia mais do que alguns navios e barcos de pescadores. Em 1820, a ilha contava mais de 360 navios, e a cidade 50,000 almas; hoje tem diminuido consideravelmente de poder, posto que seja, depois de Syra, a cidade principal do Archipelago: todas estas ilhas podem fornecer 30,000 maritimos, contingente mais do que o sufficiente para a marinha nacional da Grecia, que se compõe de uma corveta!!

Depois de ter passado as pequenas ilhas de *Castri* e de *Kranidi*, chegámos a Spezzia;



Rapariga da ilha de Calamata

emfim ás tres horas da tarde entravamos no golpho d'Argos, e o *Pericles* deitava ferro em frente de Nauplia.

O porto é fechado por uma pequena ilha de muito triste apparencia, que habita só o carrasco. Desembarcámos na cidade. Deve saber-se que Nauplia foi até 1834 a residencia do rei Othon.

A fortaleza Palamedes, que está assente sobre a Acropolis e que se eleva a uma altura de 720 pés acima do nivel do mar, as construcções de defeza levantadas pelos venezianos, o *Itch-Dali*, a *bateria do mar*, e a *bateria de terra* convertida em arsenal e em fundição e os *Cinco-Irmãos* que dominam o porto, fazem de Nauplia uma praça fortificada de todos os lados, e que pôde oppôr uma resistencia real.

Depois de ter visitado estes diversos logares, e o leão bavaro, cortado no rochedo em commemoração dos amigos da Grecia, mor-

tos em 1828 n'este mesmo lugar, viemos jantar a bordo, e á tarde assistimos a uma representação da *Torre de Nesle* dada por artistas ambulantes.

Acham-se em Nauplia muito boas carroagens; e por uma bella estrada chega-se em menos de quatro horas a Argos, depois de ter atravessado Tyrintho e a planicie de Mycenae, esta *planicie fértil em homens e em cavallos*, segundo a expressão de Horacio. O tempo tem destruido tudo, tudo, excepto a gloria d'estas cidades; tanto que hoje já não restam mais do que os monumentos que a tradição dá por tumulos ao rei dos reis e a seu irmão, isto é, a Agamenon e a Menelau.

Não fallaremos aqui das construcções cyclopeanas de Tyrintho, da cidadella de Mycenae, d'esta celebre *Porta dos leões* e do thesouro d'Atreu; todas estas ruinas tem dado logar a muitas descrições e controversias para ser necessario repetil-as; diremos ape-

nas que este caminho que leva a Argos através da planície e costeando o Inachus, nos pareceu o mais agradável de toda a Grecia. Não tinhamos já á vista estas montanhas aridas e escavadas da Attica, este sólo de poeira e de pedras, por cima do qual a oliveira eleva as suas folhas sem verdura. Tornavamos a encontrar n'esta planície de Argos a vegetação do mez de maio, bella por toda a parte, é verdade, mas muito mais bella na Sicilia e na Grecia. A costa da Laconia é sem interesse, e não offerece de curioso senão a pequena cidade de Menemvasia, construída sobre uma ilha, que uma ponte junta ao continente, como todas as cidades da Grecia. Menemvasia tem tambem a sua Acropolis e o seu castello; a maior parte das casas como que entaladas entre dois muros, que descem do castello para o mar, são edificadas em de-

graus umas por cima das outras e de construcção veneziana.

Depois de ter dobrado o cabo Maleu, em cuja extremidade um eremita fixou a sua habitação, cavando uma cella na rocha viva, entrámos em o golpho de Kolokythia, e quatro horas depois desembarcavamos em Marathonsi; era preciso tratar de nos pôr a caminho immediatamente para Sparta.

Eramos cinco, por consequencia necessitavamos 8 cavallos, cinco para nós, um para Georges, nosso correio, e dois para os *agoyas* encarregados de servir de guias e levar as provisões.

Georges, que pouco se lhe dava de ir a Sparta por este novo caminho, desembarcou primeiro, e veio logo depois dizer que era inutil o pensar em tal viagem, que seria melhor dirigirmo-nos aos *rapidos de Eurotas*.

(Continúa.)

RECORDAÇÕES DAS ILHAS DA MANCHA.

AVISO AOS VIAJANTES QUE ALUGAM QUARTOS MOBILADOS.

No mesmo barco seguiam passagem n'este dia dois noivos, que, fiéis ao uso adoptado nas ilhas, iam depois da cerimonia do seu casamento passar a lua de mel á *Grande-Terra*. Chama-se assim, á Inglaterra. — Gran-Bretanha, grande terra. Esta viagem é a dos noivos da classe media. — A nobresa, e os ricos do commercio, esses vão ao continente, á Paris, e mesmo até á Italia, como os poderosos capitalistas. Talvez seja por esta causa que as ilhas têm tantos quadros italianos. Os mais pobres mudam de ilha, ou quando mais não possa ser, de freguezia. Os de Jersey vão para Guernesey, os de Guernesey para Serk, e assim reciprocamente; os

da cidade vão para o campo passar n'alguma hospedaria, quando não possa ser toda a lua de mel, ao menos uma parte d'ella. Emfim, o par que depois da sua união, ficasse em casa, não só incorreria na maldição de todas as matronas as mais respeitaveis, mas andaria sempre ás desordens, e seria esteril.

A saída tem lugar depois do almoço, o que é muito bem entendido. Assim, não se evita a despeza, mas a exposição publica no jantar e no baile. Os noivos guardam para si só as suas penas e prazeres. Saindo, a meza fica coberta de carnes e vinhos, para que os amigos possam brindar em plena liberdade á futura felicidade dos noivos.

Depois mette-se n'um sobre-escripto o seu

bilhete de visita e o de sua mulher, e mandam-se ao universo em pês, se é possível, emblematicamente presos com um fio de prata. E do uso juntar aos bilhetes um bocadinho de pastel; o correio em Inglaterra leva tudo o que se quer, com tanto que lhe paguem.

Esta despeza em pasteis não é tão insignificante como se pensa; uma recém-desposada em Exeterme disse-me que o valor dos pasteis que tinha mandado assim pelo correio, orçava por vinte e cinco libras esterlinas. — Ora deve notar-se que esta menina tinha casado com um pasteleiro.

Os dois noivos que iam no barco, eram de um aspecto um pouco insolito, e os que os conheciam mostravam-se um tanto inquietos. O homem não ia vestido com esta rigida etiqueta, com esta pontualidade escrupulosa de pormenores, que achámos tão inalteravel nos inglezes que viajam, e que tanto admira a nós os francezes, que andámos a bordo, tão semceremonia, e até mal arranjados. Para ir rigorosamente em character, o noivo devia levar uma d'estas calças pretas meio justas á perna, terminando no fim por uma larga polaina, que cobre quasi todo o pé calçado n'umas botinhas de fazenda branca; moda então muito em uso, e que deve ter sido inventada por algum gotoso rico, e com pretenções a janota, um Nash, um Brumel, ou um Dorsay por exemplo.

Além d'isto, para seguir o estilo inglez, devia trazer um colete de setim de côres afoqueadas, todo enfeitado de arabescos, e bolões dourados, não obstante os ares do mar; nas mãos, luvas brancas sem lhe importar o alcatrão; ao pescoço, uma enorme gravata branca, especie de gonilha de neve, fria e dura, capaz de fazer dores de dentes, e torcer o pescoço o mais rijamente assente nos hombros. Para o inglez tudo é sala no dia do seu casamento. A tolda de um navio, ou a almofada de uma diligencia; o chão da capella, ou o registo da alfandega. Attenta a maneira exacta como elle está escovado, preparado, engommado, empapelado e altamente serio, todos devem adivinhar o seu prazer e tomar parte na sua satisfação, tanto maior, quanto é mais grave.

O nosso noivo não affectava todos estes ares de triumpho encomendado. Tinha um *paleto* de panno grosso, calças grossas, e botas também grossas; uma gravata de seda preta enrolada sem cerimonia ao pescoço e um bonet na cabeça.

Assim arranjado, e com as mãos nas algibeiras, andava com passos apressados, e

muito direito a passear á ré segundo o barbaço costume dos passageiros costumados a embarcar, que já se não lembram das angustias mortaes que padeciam quando enjoavam em consequencia d'aquella bulha regular e monotona dos passeios cá por cima, dos sujeitinhos que não enjoam.

Era de estatura media e menos mal feito, posto que um tanto gordo; parecia ter trinta e dois annos.

A sua physionomia expressiva e distincta, não obstante uma ou outra borbulha, que a marchetava, poderia dizer, se elle quizesse, cousas muito espirituosas e muito encantadoras; mas parecia que n'aquelle dia queria de proposito fazer-se mais asno que um guarda-portão de casa de um fidalgo. Nos seus passeios continuos lançava de vez em quando um meio olhar para um d'estes bancos de toldo, que se pôde virar contra o sol e contra a chuva, e que se encontram (pagando) nos barcos de vapor inglezes; e quando acabava de cumprir esta especie de dever de familia, uma ligeira contracção do labio inferior, que iria tocar no bigode (se bigode fosse uma cousa possível a um inglez), denunciava n'elle uma especie de satisfação... a seu modo.

Quanto á noiva (ha tres horas) que os olhos de seu esposo, com tão pouca assiduidade procuravam, parecia ter trinta e cinco annos, posto que, realmente, só livesse vinte e cinco, pouco mais ou menos. Estava vestida de escuro, não de selim, ou de veludo, mas de lã, com cada prega tão aspera e dura, que mettia medo, e de uma especie de côr de cinza, essa côr predilecta das viúvas, e dos padres, que se podem dizer também uma especie de viúvos, mas eternos.

Não levava joias, ou enfeites de qualidade alguma, uma camisinha sem bordados cahia sobre a gola do vestido, tão rija e tão direita como o collarinho da camisa de um caixeiro de tenda em domingo de Paschoa.

O cabello bonito, a ajuizar pelo pouco que se podia ver, não cahia ao longo das faces em elegantes *bandós* á ingleza, que os cabelleiros d'esta nação vendem ás suas damas, como os francezes vendem os crescentes ás nossas que vão cahindo para calvas.

A noiva escondia pois os seus cabellos debaixo de um chapéu de palha d'Italia, de cuja aba pendia um véu azul, fraca protecção ainda assim para os seus olhos doentes, pois que via-se perfeitamente através do véu que o nariz se encarregava de sustentar um par d'olhos não lá dos mais pequenos e cuja côr era igual á do véu.

Para um observador que não padecesse de enjôo, esta doença que torna tão egoísta aquelle que a soffre, seria objecto de curiosidade o explicar o facto seguinte:

Todas as vezes que o noivo passava diante do tal banco, onde se achava a sua comprida esposa, e na occasião em que elle franzia a boca, como acima dissemos, podia vêr-se dardejear debaixo dos oculos lucifugos da recém-desposada, uma especie de relampago bastante ardente, para fazer duvidar da necessidade de uns oculos, mas ao mesmo tempo bastante carregado, e até ameaçador, para que qualquer se julgasse bem feliz de não ser o alvo a que o tal olhar se dirigisse.

Por um instante o marido deixou a pôpa do barco, esta parte destinada às pessoas distinctas, e se dirigiu á proa, sob pretexto de ir ver os outros passageiros, mas com o fim real de fumar, visto que este prazer só alli é permittido.

Saboreava apenas esta innocente distracção, quando o *steward*, tendo n'uma das mãos a chaleira, e na outra um guardanapo, accessorios indispensaveis ao officio, lhe veio fazer saber bem pouco a proposito, que a senhora o mandava chamar. O *steward* é uma especie de *fac-totum* do navio, o homem encarregado a bordo de tudo o que diz respeito aos passageiros masculinos, beber, comidas, dormir, o enjôo, trata de tudo. — A infimação do *steward* o nosso fumista precipitou as aspirações, como um homem que quer acabar o seu cigarro; mas quando ao transportar os degraus com balaustres de cobre, que nos paquetes separam o logar dos pobres do logar dos ricos, teve de atirar ás ondas com o seu charuto de Havana, meio consumido, era facil perceber que no seu interior dava alguém a todos os diabos.

E no entanto, como acabámos de dizer, o nariz dos oculos e o nariz das borbulhas eram marido e mulher havia apenas algumas horas. Na manhã d'este mesmo dia, o reverendo Jonatham Josuah, da capella ingleza Wesleyenne, os tinha unido com os laços que só a morte pôde quebrar. A mulher era protestante, o homem esse não era cousa alguma, e por isso a mulher pôde escolher á sua vontade o padre e a igreja.

Ora, em quanto o reverendo Jonatham Josuah unia esta devota a este septico, o barco de vapor já estava a fumar, e elles tinham tido só o tempo necessario de irem do templo para o porto, segundo a moda que obriga todo o insular do tom a passar o seu dia de noivado nos tormentos, ás vezes bem crueis, de uma digressão marítima.

Eis-aqui agora como se fez este casamento, que de uma das partes, pelo menos, parecia inaugurar-se tão mal.

O noivo, de profissão, creador de gados, tinha vindo fugido de França no anno antecedente, em consequencia de uma accusação de fraude commercial, (banca-rola não significa cousa alguma injuriosa em inglez; é simplesmente a falta dos pagamentos *bank rupt*). Chegou á ilha uma noite, cheio de misantropia, e derreado pelo enjôo. Julgava, como muitos outros, e segundo a *Henriade*, achar alli uma solidão selvagem propria para desabafar os seus pesares, um rochedo habitado por alguns pescadores, com as suas choupanas feitas de seixos. Encontrou, pelo contrario, um grande porto de construcção gigantesca, onde cem navios de trinta bandeiras differentes, entre duas ordens magnificas de caes, esperavam, para partirem, a vontade dos homens, e o consentimento do céu.

O nosso fugitivo tinha ido parar ao principio a uma hospedaria; ficou muito admirado de lhe não pedirem o seu passaporte, nem lhe perguntarem o seu nome. Depois, quando descançou, e se familiarizou mais com a terra, disseram-lhe na propria hospedaria, que era melhor ajustar-se ás semanas n'alguma casa particular. A cidade é amplamente provida de mulheres de marítimos ausentes e de viuvas d'outros que têm morrido, as quaes alugam quartos com comida e todo o serviço por preço muito commodo.

Achou em Grove-Place, uma honrada mulher de um capitão de navios, e sua filha uma alta e bella menina dos seus vinte e cinco annos, que o acceitaram com aquelle bom modo proverbial do paiz, e se incumbiram de todo o seu serviço, como é costume, pois que n'aquella terra os criados são mui caros, porque a pequena população é tão altiva, que um só dos naturaes não quer servir, por melhor salario que se lhe pague.

Affonso (é o nome do nosso homem) via todos os dias miss Lucy Ollivier, a filha da dona da casa. Era ella quem lhe trazia o almoço. Muitas vezes, quando entrava, via-a no seu quarto, arrançando e limpando os moveis para que tudo estivesse mesmo um brinquinho. Uma tarde, voltando mais aborrecido do que o costume, porque tinham chegado navios de França e não lhe tinham trazido cartas, viu a porta que dava para o quarto das senhoras aberta, e miss Lucy veio ao seu encontro com a chave do quarto e a luz na mão: — Não estejaes triste, meu rico senhor, lhe diz ella, tendes aqui uma carta de França.

Affonso parou, e faltaram-lhe as expres-

sões para agradecer, tão grande era a sua commoção.

No dia seguinte foi fazer uma visita ás senhoras. Depois como se approximava o dia dos annos de miss Lucy, (*birth day*) não sabendo bem como agradecer a esta menina as pequenas attentões que tinha tido com elle, lembrou-se de mandar fazer um anel com uma pedra esculpida, e á noite offereceu-o diante de alguns amigos da familia áquella que com tanto esmero lhe tratava do seu quarto, e da sua roupa.

Miss Lucy recebeu o presente, corando; mas com aquelles relampagos na vista que lhe notámos a bordo, e com umas expressões que não agradaram muito ao senhor Affonso porque davam ares de uma avareza satisfeita.

A carreira de cavallos da praia d'Azette tinha logar esta mesma semana, o hospede pediu licença de ser elle quem conduzisse mistress e miss Ollivier, o que lhe foi concedido. Sómente á hora da partida, a mãe disse-lhe que fosse com a filha, porque tinha que fazer em casa uns arranjos que a não deixavam sair.

Affonso offereceu o seu braço, como era natural, mas miss Lucy não o acceitou senão á força de instancias. Ó que o hospede não percebeu foi o modo como todos olhavam para elle n'esse dia, mas lá lhe pareceu que teria commettido alguma inconveniencia, porque desde esse dia miss Lucy não voltou mais a fazer-lhe a cama; e as senhoras tomaram uma rapariga irlandeza.

Por este tempo Affonso entrou a pensar que com alguma industria e um pouco de dinheiro podia fazer-se n'este paiz alguma especie de negocio. N'esta conformidade deitou as suas contas, arranjou os seus negocios, e montou um estabelecimento. Quando tudo estava prompto, disse ás senhoras que se via obrigado a deixar a sua casa, para viver na loja que ia abrir, e o que pedía era licença para vir de vez em quando visital-as.

Parecia que as senhoras esperavam outra cousa, tanto que as despedidas foram frias, o que elle attribuiu simplesmente ao transtorno que a sua saída causava á pobre familia.

Depois nunca mais pensou n'isso, o negocio absorvia-lhe todo o seu tempo.

Um dia estava muito bem descansado em sua casa, entrou pela porta dentro um sujeito muito bem vestido, fez-lhe os seus cumprimentos, e dirigindo-lhe a palavra, disse-lhe:

— O sr. Affonso Maximiliano?

— Sou eu.

— Julgo que conheceis miss Lucy Ollivier?

— Sim, senhor.

— Deveis consideral-a como uma menina muito respeitavel, não é assim?

— Certamente.

— Então não fazeis *objecção* alguma a casar com ella?

— Eu, senhor!

— Vós mesmo; por acaso não sereis solteiro? Tende cuidado com a lei.

— Mas eu, senhor, nunca pensei em miss Lucy para esse fim.

— Ah, meu querido senhor, vós destelhe um anel no dia de seus annos, e toda a cidade de Saint-Helier vos viu de braço dado um com o outro, sósinhos no dia das corridas!

— Mas, senhor, isso era uma simples politica, um acto de delicadeza para com as senhoras.

— Contracto, meu querido senhor, contracto publico e particular. Eu sou um dos officiaes de justiça do tribunal, e especialmente encarregado pela vossa parte contraria, venho intimar-vos para que me entregueis 1,000 libras sterlinas, como caução, de que dentro em seis mezes casareis com miss Lucy.

— Não, senhor, não entrego cousa alguma. Esta maneira de proceder é insolita... nunca vista...

— Não fallemos mais n'isso, senhor, queira ter a bondade de me acompanhar para a cadêa.

Era claro que não havia que escolher. — Ora eis-aqui como no dia que acabámos de contar, o reverendo Jonatham Josuah, da capella Wesleyene, tinha unido com laços indissoluveis a joven methodista com o homem do nariz das borbulhas.

Agora os senhores viajantes que vão lá dar presentes ás filhas das donas das suas hospedarias, e verão o que lhes succede.

VARIÉDADES.

O rei e os aventureiros.

Em tempos um pouco remotos, tres aventureiros se apresentaram a um rei de Hespanha, dizendo-lhe que, entre outras maravilhas, sabiam fabricar um precioso estofo, muito caro sim, mas que tinha a notavel propriedade de que toda a pessoa cuja descendencia fosse menos honrada, o que fosse filho bastardo, ou o marido cuja mulher o atraçoasse, não só não poderiam ver a tal fazenda, mas nem mesmo tocar-lhe.

El-rei teve grande curiosidade de vêr e possuir similhante peça, e deu, a mãos largas, prata e ouro aos aventureiros para prepararem o tecido, e uma grande casa para trabalharem. A noticia espalhou-se rapidamente pela côrte. Passados tres dias, os *artistas* mandaram dizer a palacio que o estofo estava começado, e que sua magestade, se quizesse, já podia vêr um bocadinho. O rei, para fazer a experiencia e ajuizar da veracidade do facto, mandou primeiro o seu camarista a quem tinha contado as magnificas propriedades da fazenda.

O camarista chegou à casa onde trabalhavam os suppostos artistas, viu-os assentados defronte do tear, mas não pôde distinguir nem fio da tal fazenda, que, não obstante isso, elles elogiavam e diziam admiravel; voltando ao palacio, o pobre camarista não se atreveu a dizer ao rei que a não tinha visto, o que equivalja a denunciar-se, pelo contrario, extasiou-se quanto á perfeição da nova fazenda, ao bem tecida que era, e declarou que a tinha visto perfeitamente. De tres em tres dias, o rei mandava examinar a fazenda por um alto dignatario, e todos vinham affirmar que a tinham visto muito bem, que ia crescendo a olhos vistos, que era o mais lindo que se podia imaginar. Finalmente, o rei quiz ajuizar por si mesmo, pois que a obra devia estar concluida, foi elle em pessoa à casa do trabalho; os tres *artistas* lá estavam assentados diante do tear, e logo que viram o rei principiaram a exclamar:

«Vêde, senhor, como este tecido é bello e solido, como o desenho é agradável, notae o brilho d'estas côres, a sua perfeita combina-

ção, vêde o lindo effeito do todo;» e ao mesmo tempo fingiam desenrolar uma peça de fazenda. O rei cheio de vergonha e exasperado não sabia o que havia de dizer.

Não via cousa alguma, mas todos os seus cortesãos tinham visto e admirado a fazenda, está claro que o defeito era d'elle. No seu interior principiou a exasperar-se contra seu pae e sua mãe, mas muito principalmente contra a rainha sua mulher; era evidente que elle pertencia á grande irmandade, de que ninguem quer ser o juiz, nem mesmo confrade; mas lá confessal-o isso nunca, era necessario sustentar a sua dignidade a todo o custo; o rei começou com o maior enthusiasmo uma serie de elogios á maravilhosa fazenda.

— Bem a vejo, exclamou elle, que lindas côres! bem empregado dinheiro; é o melhor tecido que se pôde fabricar; eis-aqui os mais perfeitos artistas que têm pisado as Hespanhas; e mandou dobrar a dose de ouro e prata.

O rei retirou-se para o palacio, e por honra sua espalhou com toda a força dos seus pulmões, que fazenda como aquella nunca tinha visto, que era uma maravilha, que valia minas de ouro, etc., mas de vez em quando deitava cada olhada á rainha que era de a tragar. O caso teve uma voga immensa pela corte e pela cidade. Os tres *artistas* apresentaram-se em palacio, e disseram que estando já concluida a peça de fazenda, queriam ter a honra de fazer com ella um vestido a sua magestade. O rei consentiu com todo o gosto. Os taes sujeitos tomaram a medida e no outro dia, que era o de uma grande festa, apresentaram-se e fingiram que vestiam o rei; não havia camarista que não dissesse que o tal fato estava a matar; e o rei a cada um que entrava e que lhe dava os parabens era uma facada no coração, porque elle nem via nem sentia cousa alguma. Veio o cavallo, e o rei de ceroulas e camisa montou a cavallo, mas como toda a cidade sabia que elle havia trazer o vestido maravilhoso, não havia pessoa alguma que não dissesse: — olha que lindo vestido; é mesmo proprio para um rei, — você vê-o, dizia um visinho

para outro, se o vejo? perfeitamente, é tão lindo, que maravilha. Vae senão quando, um rapazito mouro que tratava dos cavallos entrou a dizer: ora adeus, qual fazenda nem meia fazenda; o rei o que vae é em ceroulas e camisa; os outros rapazes fizeram côro com elle, depois as mulheres, e finalmente todos disseram que aquillo era cassoadá; o rei que ia a tiritar de frio, conheceu o logro, e mandou como um raio o seu capitão das guardas para que prendesse os tres tecelões que no outro dia haviam tecer, mas era com os pés no ar e a cabeça amarrada pelo pescoço. Mas qual historia, quando os guardas chegaram á officina dos taes sujeitos, já elles ha muito tinham desaparecido.

(*Antigo conto hespanhol.*)

Como um homem apparece millionario de um instante para o outro.

O capitão Sutter, antigo official de suissos em França, emigrado depois da revolução de julho de 1830, e possuidor de vastos dominios na California, conta da maneira seguinte a origem da sua vasta fortuna.

Um dia do mez de junho de 1848, depois de ter dormido a sesta, fui assentar-me á mesa para escrever á minha familia para Lucerna, quando ouvi a bulha de uns passos, e o meu fac-totum Marshall que estava vigiando a construcção de uma azenha entrou no meu quarto. — Tinha-me deixado havia só dois dias, e eu contava vê-lo, só depois da obra acabada. Podeis imaginar a minha admiração quando vi Marshall estacar diante de mim, immovel, com os olhos fitos, a boca aberta, e os braços estendidos. — Como não fallava, gritei-lhe cheio de impaciencia: — «Estás doido? — Doido! exclamou elle, parece-me que sim. — Depois olhando em volta de si para observar se alguem nos ouvira, disse-me estas palavras ao ouvido: — «Thesouros immensos! Ouro! Montes de ouro! — Que queres dizer? repliquei eu. — O que quero dizer? Desejaes fazer uma fortuna immensa, ganhar milhões de *dollars*, encher este quarto de dinheiro? — Então é que me convenci que Marshall estava doido varrido, e disse-lh'o claramente. A sua unica resposta, foi abrir as mãos e deixar cair na mesa uma grande porção de grãos de ouro. Então é que eu fiquei como estava Marshall quando entrou no quarto, até me pareceu que seria algum magico. Mas desde então o meu agente pareceu alliviado de um immenso

peso que lhe sobre-carregava o coração, porque assentando-se ao pé de mim, me contou a historia nos seguintes termos.

«Eu subia e descia pelas margens do rio onde se está a construir a azenha, e tratava de vigiar os operarios, quando vi luzir no meio do lodo; julguei que eram algumas opálas, e não fiz caso; mais de vinte ou trinta vezes depois olhei e vi sempre brilhar os mesmos objectos, tanto na arêa como no fundo do rio, até que por fim não pude resistir á tentação, apeeime, e agarrei um dos pedacinhos que luziam; imaginae a minha admiração quando vi que era um pedaço d'ouro o mais puro. Deitei-me á obra com toda a afficacia, e apanhei uma grande quantidade de outros pedacinhos,

«Ao principio julguei que seriam os indios, que fivessem escondido alli aquelle thesouro, mas depois investigando o terreno com mais attenção, vi que todo elle estava semeado d'este metal. Tendo enchido as algibeiras montei a cavallo, e vim a correr dar-vos parte d'esta maravilhosa descoberta.»

O meu primeiro cuidado foi perguntar-lhe se tinha dito alguma coisa a alguem, como me dissesse que não, mandei sellar o meu cavallo, e voltámos a galope para a azenha. Deixámos principiar a noite, e fomos ao logar marcado, cavando a terra com as nossas facas de matto, achámos uma tão grande quantidade de pedacinhos d'ouro, que estávamos quasi loucos de alegria e admiração.

Dominados pelo sentimento bém natural, que produziu em nós este acontecimento, entramos em casa sem dizer palavra; quando d'ahi a nada os operarios nos appareceram a gritar: = Ouro! Ouro!

Soubemos depois que um d'elles nos tinha observado durante a noite, e tinha seguido o nosso exemplo; mas sem poder guardar um segredo por muito tempo, o foi communicar aos seus companheiros. Todos prometteram o mais inviolavel segredo... mas no dia seguinte centenaes de individuos estavam informados da descoberta. No fim do mez haviam nos meus terrenos mais de mil individuos que procuravam o ouro.

(*O capitão Sutter.*)

Um optimo genro.

As bodas foram alegres, como são sempre as bodas. O dia em que os homens parecem mais felizes é exactamente aquelle em que abdicam a sua liberdade. Rosalia estava encantadora, mais encantadora do que eu mesmo a

tinha imaginado; mas mais pensativa ainda do que costumam estar as raparigas no dia do seu casamento. A sua alma nutria, sem duvida, uma recordação vaga d'estes bellos dias da infancia, em que pensava em outros amores, e em outra qualidade de esposo.

Senti um occulto prazer.... Quanto ao marido era um typo completo do genro de conveniencia com que as familias se vangloriam extremamente, isto é, um rapagão forte e bem constituido, que, durante a sua vida, nunca experimentou uma unica sensação: dotado d'esta segurança inalteravel que a muita fortuna e algum uso do mundo dão aos tolos; fallando muito de rijo, por muito tempo, e a proposito de tudo; rindo do que elle mesmo dizia, obrigando os outros por força a tomar parte na sua alegria; rico industrial, com uma camada á superficie de physico, de chimico, de juriconsulto, de politico, de estatístico, e de phrenologista; elegivel para deputado pelas suas habilitações, e pelo senso da lei; e além d'isto liberal, classico, philanthropico, materialista, e o melhor filho do mundo; um homem insupportavel!... Mas um genro famoso.

(Carlos Nodier)

Um banqueiro que olha para o futuro.

O talento nem sempre é apanagio do dinheiro, e muito menos o que por aqui hoje se chama *espírito*, e que se não sabe lá muito bem o que é; mas a cautela com o futuro, isso é que ninguem negará aos financeiros, ao menos depois de ler a anedota seguinte:

«Um rico capitalista de Paris fazia a corte a uma das primeiras dançarinas do theatro; o negocio começava apenas; a fama da riqueza tinha aplanado as difficuldades do estylo; as primeiras declarações foram bem recebidas, com o sentido nas primeiras offeras; o prologo foi breve, porque era necessario chegar ao primeiro acto; o primeiro acto era a admissão ao camarim, e o esquecimento, *mais ou menos* disfarçado da carteira das notas, ou o bracelete *mais ou menos* amavelmente passado ao admirar o bem torneado de um braço, que o pudor *mais ou menos* bem fingido, subtrahira ás caricias *mais ou menos* affectuosas do financeiro namorado; este é o 1.º acto de uso; mas em o nosso caso, as cousas correram de uma maneira muito differente. A admissão ao camarim teve effectivamente lugar; mas o nosso homem apresentou-se con-

tra o costume ainda dos mais leigos na materia, com um ar grave e solemne.

— Amo-vos muito, senhora, disse elle, e vou dar-vos uma prova solemne do interesse que me inspiraes.

A palavra, prova solemne, a sylphide pareceu-lhe vêr luzir a classica pulseira, ou o allinete de brilhantes, e disse com os olhos semi-fechados n'uma interessante languidez:

— Oh, senhor!

O capitalista continuou: — Por acaso não tendes pensado no vosso futuro, não vos lembras, que de um instante para o outro podeis cair na miseria, sobrevir um sinistro, e depois morrer pobre, tão pobre que a vossa triste herança nem sequer chegue para pagar aos credores!

O quadro lá era um pouco lugubre para preceder uma declaração d'amor; mas o negocio ia tão bem começado, que a dançarina respondeu:

— É verdade, quantas vezes tenho pensado n'isso!

— Tenho visto, continuou o nosso homem com uma voz sentimental, algumas das vossas companheiras morrerem tão desgraçadas, que os seus cadaveres são arrojados á valla commum n'esses cemiterios, sem um jazigo, sem uma oração!

— É verdade, é verdade, dizia a nympha da scena, já meio commovida.

— Pois, senhora, quero prevenir este futuro tão triste.

Não vos offerecerei um luxo inutil, que amanhã podeis perder; se me permittis, offerecer-vos-hei um objecto mais util; e dizendo isto, tirou da algibeira uma enorme carteira.

— Então que é? perguntou a dançarina, com um tom de voz, de que o nosso ricaço não comprehendeu a significação.

— A vossa delicadeza não tem cousa alguma que recear; eu não commetteria a grosseria de vos offerecer notas do banco. É melhor do que isso. E o banqueiro deixou vêr fóra da carteira um papel dobrado em quarto.

— É um contracto de juros? Perguntou a dançarina.

— Melhor ainda.

— Melhor que apolices?

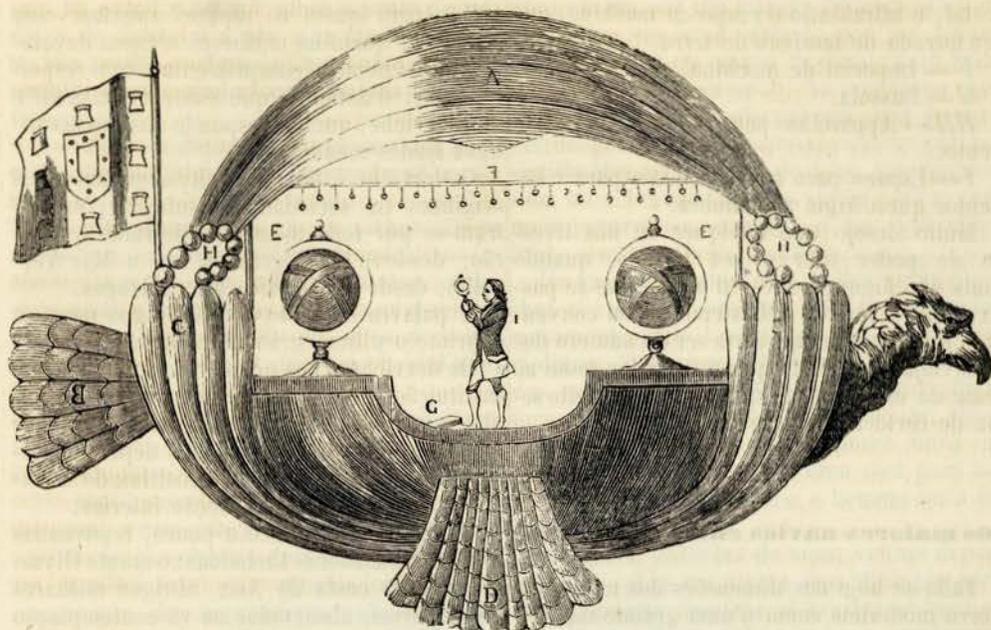
— Sim, quiz assegurar-vos um abrigo para o futuro.

— Então é o titulo de alguma propriedade?

— Exactamente é uma propriedade.

— Onde é situada, na cidade ou no campo?

— A meio caminho entre uma e outro.



A machina para voar. de Lourenço de Gusmão.

— Não comprehendo.

— Pois tem pouco que saber; receiando para vós, como vos acabo de dizer, o triste futuro de algumas de vossas eguaes, tratei de comprar uma porção de terreno no cemiterio do padre Lachaise, onde tereis o vosso jazigo seguro e decente; isto é o auto que vos assegura a posse incontestavel do terreno.

A dançarina ficou estupefacta, tendo lançado os olhos para o papel, e vendo que era effectivamente o que o banqueiro dizia.

Passado um momento de silencio, disse-lhe com muito mau modo:

— Se é uma brincadeira, senhor, acho-a bastante lugubre; se é um caso serio, agradeço os vossos favores.

O capitalista vendo quão mal recebido era o presente, que lhe tinha preparado com tanto empenho e tanta previsão do futuro, ficou desesperado; acabou por uma vez as suas relações com a dançarina, e nunca mais lá foi.

(Imitado d'Eugenio Guinot.)

Lourenço de Gusmão. e a sua machina para voar.

Qual de nós em Portugal não tem ouvido, que o grande problema da navegação aerea já foi completamente resolvido, em a nossa terra, e que a inquisição perseguindo por fei-

ticeiro o auctor de tão bella descoberta, roubou aos homens uma grande vantagem, que tarde poderão tornar a haver.

Com effeito, conta-se que um frade, por nome Lourenço de Gusmão, e por alcunha o *voador*, construiu em 1708 uma barquinha, na qual se elevára até aos telhados do convento, d'onde lhe proviera a alcunha de *voador*. Parece que este mesmo frade, perseguido pela inquisição, morrera em Hespanha no anno de 1724. De certo que os nossos leitores terão ouvido, como nós, contar esta historia, e desejarão conhecer a machina que o pobre frade inventou, e que se acaso tinha habilidade de voar com ella, estamos quasi a fazer côro com a inquisição, e a dizer, não que o auctor era feiticeiro, mas que tinha raça de passaro, naturalmente, bishnau, porque lá a machina por si só, não o levantava, nos parece, á altura dos degraus do convento, quanto mais dos telhados.

O desenho é o que se achou na bibliotheca da rua de Richelieu, em Paris, e verdade seja, que não vae muito longe do que a tradição ainda conta da tal machina.

A — Vêlas para sustentar a machina.

B — Leme.

CC — Folles para fornecer o ar quando faltasse.

D — Azas para conservar a machina em equilibrio.

EE — Imans encerrados em dois globos de

metal, e attrahindo o corpo da machina, que era forrada de laminas de ferro.

F — Imperial da machina.

G — Bussola.

III — Apparelho para a guiar contra o vento.

I — Espaço para os viajantes e para o inventor que dirigia a manobra.

Muito desejo que qualquer de nós tivesse de poder voar o seu bocado, quando mais não fosse para vêr *d'alto* o que se passa dentro e fóra de Sebastepol, estou convencido que ninguem quereria ser do numero dos laes viajantes, ainda que o inventor fosse ao leme da machina, de que o menor defeito seria de certo não se mexer.

Os maiores navios entre os antigos.

Falla-se hoje nas dimensões dos nossos vapores modernos como n'uma grande maravilha; mas se acreditarmos o que dizem os historiadores, as antigas construcções navaes deixavam a perder de vista as modernas.

O navio de Ptolomeu Philopator tinha 280 covados de comprido por 33 de largo, e 480 de alto. Trazia a bordo 4,000 remadores, 4,000 marinheiros, e 3,000 soldados.

O navio de Hieron construido por Archimedes e descripto tão minuciosamente por Moschian, que lhe consagrou um volume inteiro das suas obras, levou tanta madeira como um palacio, casas para jantar, galerias, um templo, jardins, tanques, moinhos, banhos cavallariças, etc. Era cercado por um reparo de ferro, protegido por oito torres armadas com machinas de guerra de que uma lançava pedras de 300 arrateis e um dardo de 12 covados á distancia de meia milha.

Os derviches.

Se percorreres alguma vez, meu caro leitor, as ruas do Cairo ou de Constantinopla, e encontrardes á porta de uma mesquita, ao pé de um obelisco, ou no anglo de um bazaar, um homem, cujo rosto pareça feito de atanado, cujos olhos deitem chammas, que esteja embrulhado n'um sacco de lã com uma carapuça pyramidal na cabeça, com os cabellos que nunca conheceram pente, ou tesoura, desgrenhados e vagueando-lhe sobre os hombros, com a barba virgem cobrindo-lhe o

peito; para quem os rapazes apontam com o dedo, a quem as mulheres seguem devotamente, os homens comprimentam com respeito; sabei d'antemão que esse personagem é um derviche, que corresponde aos nossos antigos frades mendicantes.

O derviche é uma das physionomias mais originaes da sociedade musulmana; encontram-se por toda a parte onde reina o alcorão, desde o Mediterraneo até o Mar Vermelho, desde o Atlantico até o Ganges.

A palavra *derviche* vem da lingua persa, e exprime o ultimo grão de pobreza.

Os derviches, nos primeiros tempos da sua instituição, prégavam, de palavra e de exemplo, a sobriedade, a beneficencia, a união e a benevolencia universal; mas depois absorveram-se em si mesmos, substituindo á expansão affectuosa a abstracção interior.

O Egypto viu pouco a pouco, repovoadas as suas abrasadoras thebaidas; o monte Olympo sobre a costa da Asia, abrigou milhares de solitarios, absorvidos na vã contemplação da natureza e de si mesmos. A contágio espalhou-se, os derviches ganharam a Arabia, a Persia e a India, prégando o desprezo das cousas do mundo, e o enthusiasmo pelo invisivel.

No septimo seculo da hegira existiam trinta e seis diferentes ordens de derviches no Islam.

A destruição da individualidade é o fundo da doutrina dos derviches.

Quando á força de mortificações se chega a obter esse fim, cahe o véo e o santo contempla a verdade na sua nudez! Póde então contentar-se d'um culto puramente espirital, desprezando as fórmulas insignificantes e as ceremonias exteriores.

Os derviches gozam d'uma verdadeira popularidade em todo o Islam. Os doutores da lei chamam-lhes *maveados*, mas o povo chama-lhes *santos*.

M. Evault diz haver visto no Cairo um que entrava em todas as lojas do bazar, escolhendo e tomando o que bem lhe parecia sem nunca pagar cousa alguma, nem ninguem lhe pedir paga.

Em Damas havia um o anno passado, diz o mesmo auctor, que passeava pelas ruas, coberto unicamente com a sua carapuça pyramidal.

Dizendo-lhe alguem que o pachá não gostava que elle andasse assim, o meu amigo derviche foi logo visitar o pachá *no seu trabalho acostumado*, e parece que o pachá não ouso dizer-lhe nada!

Um outro d'estes bellos sujeitos fez parar

um dia o sultão actual, sobre a ponte de madeira de Constantinopla, agarrando no freio do seu cavallo, e dizendo-lhe: Então, *giaour!* quando pensas acabar com as tuas malditas reformas?

— Vejam se elle me deixa passar! diz tranquillamente Abdul-Medjid, virando-se para a sua comitiva.

As principaes seitas de derviches são os *vermelhos*, os *brancos*, os *mascarados*, e os *inimicos*; mas ha duas sobre tudo, que gozam de grande reputação na Europa: os *derviches valsantes* de Constantinopla, e os *derviches uivadores* de Scutari; fallaremos hoje d'estes ultimos.

É em Scutari, do outro lado do Bosphoro, sobre a terra sagrada da Asia, que se deve ir vêr os *derviches uivadores*.

A sala d'estes *derviches* é um parallelogramo sem ornamento algum architectural. As paredes estão cobertas de ferozes instrumentos, semelhantes aos inventados pela infernal imaginação dos inquisidores: são cavalletes de ferro, tenazes, martellos, serras, machados, punhaes, facas, espetos, disciplinas com balas de ferro nas pontas, emfim, todos os instrumentos dos mysticos supplicios.

Os *derviches*, perfilados em uma só linha, psalmodiavam (diz Theophilo Gauthier) uma especie de ladainha, cujo primeiro verseto

era entoado por um latagão de feroz aspecto. O cantico era acompanhado por um balançar uniforme do corpo, de diante para traz, que marcava o compasso. Ao monotono cantico seguiu-se uma infernal orchestra de pandeiros, propria a acompanhar os roucos uivos, semelhantes ao bramido do leão, que durante uma hora tiraram de seus vastos peitos, com uma progressiva energia, e em diferentes tons, esses horriveis fanaticos.

De vez em quando, um d'elles vinha ajoelhar diante do superior, que lhe batia furiosamente pelas costas com as terriveis disciplinas, atravessava-lhe as faces com agudos espetos, ou cortava-lhe com uma afiada faca um pedaço de carne das espadoas, absolutamente como se faz a um porco ainda inteiro, quando se lhe tira uma isca para assar, e o padecente parecia o homem mais feliz do mundo!

Mulheres, cobertas de véos, vieram depois estender sobre um tapete seus filhinhos para que o grande *derviche* os esmagasse com os pés, e quando as pobres crianças gritavam, as crueis mães elevavam as mãos ao céu, extasiadas da sua felicidade.

Tudo isto pareceria um conto imaginario, se não houvessem mil testemunhas de vista, que o affirmassem.

(Alvares d' Andrade.)

MISCELLANEA.

NOTICIA DO RECENTE CAPTIVEIRO DE MADAME WILSON

EM PODER DOS INDIOS CAMANCHOS.

UMA joven senhora de 17 annos, madame Jeanne Adelaide Wilson, acaba de publicar no *Herald* de Nova-York uma relação do seu captiveiro em poder dos Indios Camanchos. Esta narração nos pareceu interessante sob o duplo ponto de vista dos pormenores que dá a respeito dos costu-

mes d'estas tribus selvagens, e da admiravel energia desenvolvida pela prisioneira para recuperar a sua liberdade.

Apresentámos a propria narração de madame Wilson em toda a sua ingenua simplicidade, e apenas a resumimos um pouco.

Nasci em Alton a 12 de junho de 1837,

tenho por consequencia 17 annos de idade.

Tinha 8 annos quando a minha familia deixou Alton, para vir estabelecer-se junto de Paris, pequena cidade da provincia de Lemar, em Texas. No fim de pouco tempo, meu pae e minha mãe morreram, no intervallo de um dia, e deixaram seis filhos orphãos.

Os visinhos tomaram conta de nós, e eu vivi, graças aos seus cuidados, até á epocha em que casei com M. James Wilson, joven lavrador do districto, e possuidor de uma pequena propriedade. Quando nos casámos, no 1.º de janero de 1853, meu marido tinha 19 annos, e eu ainda não contava 16.

Tinhamos ouvido dizer, que na California se adquiriam grandes riquezas rapidamente; isto nos fez nascer a idéa de ir tentar fortuna n'este paiz.

Meu marido vendeu as suas terras, e feitos os competentes preparativos, reunimo-nos a uma porção de emigrados, onde se contavam 52 homens, 12 mulheres, e muitas crianças. Toda a bagagem ia carregada em 22 carros. M. Henry Hickmann era o chefe da caravana. Partimos do condado de Hunt, a 6 d'abril de 1854, dirigindo-nos para a cidade de El Paso.

Meu marido, tendo tido algumas questões com os nossos companheiros de viagem, resolveu ficar em El Paso, e esperar ahi a passagem de alguma porção de emigrados.

Infelizmente fomos roubados n'esta terra com a maior indignidade pelos mexicanos, e tivemos de perder as esperanças de seguir para a California; resolvemos voltar para Texas com o pouco dinheiro que nos tinha ficado.

Partimos, e desde o primeiro dia da nossa viagem, meu marido e meu sogro que nos acompanhava, tendo-se desviado um pouco do nosso rancho, cahiram nas mãos dos indios. Desde então nunca mais os tornei a vêr. Receio muito que fossem mortos. Assustada pela idéa deprehender sem protecção o extenso caminho que tinha ainda de andar, voltei para El Paso, e ahi fiquei ate 8 de setembro; n'esta epocha tomei novamente o caminho de Texas, acompanhada por meus tres cunhados, ainda crianças, e um pequeno rancho composto de cinco americanos e um natural do Mexico.

A maior parte do caminho percorreu-se sem novidade; julgavamo-nos salvos, porque depois da nossa partida tinhamos visto apenas um só indio. Estavamos quasi nas fronteiras de Texas, quando alguém do nosso rancho tirou tres cabeças de gado, que pertenciam

a um dos nossos companheiros de viagem, Mr. Hast.

Este correu sobre o ladrão, levando consigo o mais velho dos meus cunhados, rapaz de 14 annos; os americanos juntaram-se a elles, e deixaram-me continuar o meu caminho com os dois outros meus cunhados e o mexicano; estavamos então a tres dias de distancia do ponto militar do *Mont-Fantome*, e já nos podiamos julgar livres de todo o perigo. No outro dia, ao meio dia, estando já em marcha, vimos de repente dois indios Camanchos atacar-nos de frente, em quanto outros dois vinham em sentido opposto. Esta vista nos assustou extraordinariamente; o mexicano saltou abaixo do carro, e foi tratar com os indios para vêr se obtinha a sua amizade. As nossas mulas, assustadas pelo grito de guerra dos selvagens, se lançaram fóra do caminho, e se pozeram a correr com todas as suas forças; desgraçadamente uma d'ellas cahiu, o que fez parar as outras. Os indios poderam então approximar-se de nós, e ordenaram ao americano que tirasse as mulas do carro. N'este momento apeeime-tão afflicta, quanto se pôde imaginar.

Depois das mulas estarem soltas e desapparelhadas, os indios despiram o mexicano, ataram-lhe as mãos atrás das costas, obrigaram-o a assentar-se no chão; um dos selvagens chegou a elle pela retaguarda, e lhe atirou um tiro de espingarda, em quanto outro lhe enterrava repetidas vezes uma comprida faca. O pobre homem cahiu, e mesmo antes de estar morto de todo, esfollaram-lhe a cabeça e pozeram a pelle com o cabello no chapéu de um dos assassinos, que tratou logo de se enfeitar com elle.

Eu estava a tremer de horror, assistindo a este horrivel espectáculo, e persuadindo-me que ia tambem ser morto; mas os indios, certos de não terem mais resistencia que receber, não trataram mais do que de levar a prêsa.

Mandaram-nos montar a cavallo nas mulas, dando-nos ordem que os seguíssemos, e tomaram a direcção do norte.

Ao pôr do sol fez-se alto para assentar o acampamento da noite; foi então que os nossos despojos, que consistiam em cobertores, vestidos, provisões de boca, e uma pequena porção de dinheiro que eu tinha na minha algibeira, foi dividida entre os indios. Tiraram-me quasi todos os meus vestidos, e os que me deixaram, nem bem chegavam para me cobrir. Meus jovens cunhados, um de idade de 12 annos, outro de 10, pertenceram cada um a seu indio diferente, e eu a um ter-

ceiro. Devo mencionar que um dos nossos roubadores era um mexicano que os índios tinham apanhado, quando era ainda criança, e que se tinha feito tão selvagem como os proprios índios.

A pelle do craneo do nosso companheiro, tão horrorosamente assassinado, foi estendida sobre uns paus e posta a seccar diante do fogo; deram-nos para ceiar alguns bocados da comida que traziamos; e depois para poderem dormir descansados, ataram-nos os braços, e fizeram-nos deitar cada um de nós entre dois selvagens. Escuso dizer que não dormi em toda a noite, com a idéa fixa que tinha de que ia ser assassinada.

No outro dia, tratou-se de transformar os meus pequenos cunhados em índios. Pintaram-lhes a cara, arranjaram-lhes os cabellos á moda indiana, deram-lhes um arco, flexas, e mandaram-os montar a cavallo; os pequenos pareceram acceitar a sua nova existencia, e foi este o motivo talvez, porque foram tratados sem crueldade pelos índios.

Quanto a mim, a primeira cousa de que se occuparam foi de me cortar os cabellos que eram muitos compridos e formosos, e custou-me muito ver os meus bonitos cabellos adornarem a cabeça do chefe cruel dos selvagens; além d'isto padecia muito vendo-me assim exposta sem protecção aos raios do sol.

A nossa viagem continuou, e durante doze dias não encontrámos pessoa alguma. No decimo segundo dia, dois novos índios e uma mulher se ajuntaram ao nosso rancho; são os unicos que vi até ao dia da minha fugida.

Antes d'este encontro, tinha sido victima de muitos maus tratamentos; mas a datar d'este momento, os meus padecimentos augmentaram a ponto de se tornarem intoleraveis.

A mulher indiana, de quem parece devia esperar alguma compaixão, foi pelo contrario a causa de novas crueldades que tive de padecer.

Tiraram-me o cavallo, e obrigaram-me a montar n'uma mula não aparelhada, que nem sequer tinha freio ou sella.

A mula, que eu não tinha meio algum de governar, tratava sem cessar de me deitar pelas orelhas fóra; e para a espantar mais, o chefe achava um prazer barbaro em vir agitar-lhe diante dos olhos o cabello arrancado ao nosso pobre mexicano; o animal, assim espantado, levantava-se todo, e dava corcovos terriveis até que me atirava ao chão. Cada dia eu caía assim cinco ou seis vezes; uma occasião dei uma quéda tão desastrada, que fiquei sem sentidos por muitas horas.

As minhas quédas frequentes divertiam extraordinariamente os índios, e suas terriveis gargalhadas augmentavam ainda o meu supplicio.

Quando a dor das minhas contusões me impediam de tornar a montar com agillidade na mula, davam-me com os chicotes, ou com as coronhas das espingardas, e as pancadas assentavam-me no corpo, apenas coberto com alguns farrapos. A mulher, mais cruel ainda do que os homens, picava-me muitas vezes com a ponta de uma lança.

O horror d'estes tratamentos augmentava ainda pela situação peculiar em que me achava. Estava grávida de uns poucos de mezes, e cada uma das quédas era para mim um risco imminente de vida.

Os índios bem conheciam o meu estado, mas isto não lhes causava a menor compaixão.

Cada noite, quando chegavamos ao acampamento, empregavam-me como escrava nos trabalhos mais penosos; mandavam-me carregar ás costas com grossos madeiros para o lume, e como estava muito mal vestida, os troncos rasgavam-me as carnes de tal maneira que o sangue corria mais de uma vez.

Tinham-me incumbido da guarda dos animaes; pela manhã devia reunil-os na occasião em que se levantava o campo para continuar a viagem.

Se acontecia que qualquer d'elles menos docil que os outros, me fugia antes da partida, tinha immensa difficuldade em o encontrar no meio do matto, que acabava de fazer em pedaços os meus vestidos, já todos rotos; e ainda em cima, quando voltava, davam-me muita pancada pela minha pouca habillidade.

As vezes o excesso da fadiga, e as dores causadas pelas feridas, me não deixavam executar rapidamente as ordens que recebia; então levava com o chicote, até me tirarem bocados de pelle; outras occasiões atiravam-me com pedras, capazes de me esmagar, e nos seus accessos de colera, o chefe dos índios deitava-me ao chão, e pisava-me aos pés, parecendo querer despedaçarme; outras vezes deixava-se dominar tanto pelo furor, que quando me via prostrada por terra, excitava os animaes para me pisarem com as patas; mas felizmente para mim, os cavallo, por um instincto natural, não pisam um corpo humano que vêem deitado no chão.

Além de todos os meus males, padecia muitas vezes as torturas da fome; os selvagens viviam da caça; quando a caçada tinha

sido abundante, deixavam-me comer á vontade; mas a maior parte das vezes davam-me muito pouco alimento, e até uma occasião deixaram-me dois dias sem comer.

Quando estes selvagens tinham morto alguma peça de caça, arrancavam-lhe immediatamente o coração e as entranhas, que devoravam a escorrer em sangue, e este uso de comerem a carne crua, m'os apresentava sob um aspecto tão repugnante e feroz, que fazia augmentar muito o horror que me inspiravam.

Outra tortura, que padecia muitas vezes, era a sede; e para esta não havia razão alguma, porque muitas occasiões atravessavamos bellas e limpidas correntes d'agua, e não tinha mais do que pôr pé em terra para a saciar; mas esta permissão, aliás tão simples, era-me sempre recusada por estes homens deshumanos.

Custa-me até agora a comprehender como pude supportar todos os requintes da sua barbaridade; lembro-me apenas que ás vezes sentia-me tão ultrajada e tão afflicta que não tinha senão um unico desejo, o de morrer, e um pensamento, o vingar-me dos meus perseguidores.

Quando a mula foi amansando a ponto que já me não deitava ao chão, tiraram-m'a, e fui obrigada a seguir a pé toda a caravana que ia a cavallo; os caminhos estavam cheios de pedras e espinhos; os pés incharam-me logo, e ficaram pisados a ponto que mal podia andar; mas as repetidas pancadas estimulavam os meus esforços. Andavamos ordinariamente desde as 10 horas da manhã até ás 4 ou 5 horas da tarde; durante os primeiros dias a temperatura das noites era bastante agradável, mas approximando-se o outono vieram as noites frias e chuvosas, e sendo obrigada a deitar-me no chão, fóra da barraca que os indios armavam para se abrigarem, pôde imaginar-se os poucos momentos que dormiria; no entanto, ao outro dia era necessario continuar os meus custosos trabalhos, e a minha viagem propriamente de matar.

Quantas solidões ouviram as minhas queixas inuteis, e quantas porções d'aquelle caminho ficaram regadas com as minhas lagrimas!

Eu andava tão de vagar a pé, que no fim de dois dias, adoptaram o costume de me mandarem deixar o acampamento mais cedo, afim de dar tempo para me adiantar; o chefe indicava a direcção que devia seguir, e eu partia; mas a caravana quasi sempre me encontrava antes que tivesse andado muito. No entanto, esta pouca vigilancia dos in-

dios deu novas forças á idéa que tinha de fugir; ainda que não tivesse esperanças algumas de poder chegar á sede de alguma colonia amiga, queria ao menos privar os indios do prazer de assistirem á minha morte.

Uma manhã, era o trigesimo quinto dia do meu captiveiro, fui mandada para a frente, segundo o costume. Não me tinham dado de almoçar, e sentia-me muito fraca, mas a idéa da fugida me animava, dando-me uma energia especial.

Andei o mais depressa que pude para me adiantar, e tendo encontrado um sitio coberto de arvores e matto muito cerrado, deixei a estrada, e melli-me ao bosque; ahí me conservei occulta durante muitas horas sem me atrever a fazer o mais pequeno movimento.

Desde este momento nunca mais tornei a ver os meus roubadores.

Tinha escapado aos indios, mas ainda não estava salva. Sósinha, sem ter que comer, nem que vestir, achava-me a muitos centenaes de milhas das colonias as mais visinhas; o meu corpo estava coberto de feridas, os meus pés ensanguentados não me podiam sustentar.

Os animaes ferozes giravam em torno de mim, e os bandos de selvagens, mais terríveis ainda para mim do que as proprias feras, atravessavam sem cessar os terrenos circumvisinhos. Que se junte a tudo isto o approximar-se o inverno, e os seus rigores tornarem em breve a minha situação muito mais miseravel.

No entanto não perdi a coragem. Tres dias fiquei escondida no matto, onde me tinha metido, sustentando-me com alguns fructos silvestres que pude apanhar nos ramos das arvores, depois dirigi-me para um sitio onde estavam umas arvores muito altas, no meio das quaes comecei a construir com ramos miudos e relva, uma pequena cabana.

Passei n'este sitio nove dias, continuando a sustentar-me com os mesmos fructos, e mantendo a sede n'uma ribeira que corria perto d'alli.

Examinando com prudencia as proximidades da minha cabana, pude convencer-me de que os indios tinham feito nos arredores pesquisas para me encontrarem; tinham-me visto partir em um tal estado, que era mais natural acreditar na minha morte do que na minha fugida, e esta idéa naturalmente me livrou de novas pesquisas, a que não teria sem duvida podido escapar.

Entretando a minha posição peiorava de dia para dia; as feridas faziam-me soffrer cruelmente. A minha magresa era extrema, e

cada dia ia perdendo mais as forças por falta de alimento; a minha cabana levantada por mãos tão debeis não me offerecia um abrigo sufficiente; durante sete dias que cahiu chuva em torrentes, não pude ter um momento de descanso. A agua entrava pelo tecto mal arranjado da cabana, e alagava-me completamente. Os lobos andavam vagueando em volta da minha pobre choupana, e vinham augmentar mais este receio ao meu grande soffrimento.

Estes animaes iam-se tornando mais atrevidos com o tempo, e muitos d'elles já me seguiam, quando ia pela manhã ao ribeiro para beber agua. Felizmente sabia que raras vezes atacavam a gente, e em lugar de parecer ter medo d'elles, fazia gestos e dava grandes gritos com o que consegui sempre fazel-os fugir.

No decimo segundo dia, saindo da minha cabana avistei uma porção de homens que seguiam o caminho do bosque. Subi a uma pequena altura para os examinar bem, e assegurar-me se eram indios, ou emigrados.

Em quanto estava n'esta observação, fui descoberta por tres d'entre elles que tinham ficado um pouco á retaguarda: vieram direitos a mim, e reconheci com a maior alegria serem mexicanos; era uma caravana de mercadores em grande numero e bem armados, que iam commerciar com os Camanchos.

Desde que lhes contei a minha situação, offereceram-me o tomarem-me consigo, e eu deixei com um inexplicavel sentimento de gratidão para com o Todo Poderoso, esta miseravel choupana, que nos dias antecedentes me tinha parecido bem que seria o meu tumulo.

Os mexicanos, depois de me terem morto a fome, deram-me um cobertor e vestidos de homem, de maneira que me achei assim bem vestida, e agasalhada; depois fizeram-me subir a um dos seus carros, e o rancho continuou o seu caminho. Dois dias depois d'este encontro inesperado, avistei com o maior susto, dirigindo-se para nós, uma grande quantidade de indios Camanchos. Os mercadores julgaram perigoso que fosse vista por elles, e esconderam-me em uma quebrada, com promessa de me virem buscar á noite.

Fiquei deitada n'este fosso, não me atrevendo a mexer-me; chegou a noite, e não appareceu pessoa alguma. Depois de duas horas de espera julguei prudente vêr se encontrava o acampamento dos mexicanos.

A meia noite, tratando de procurar o meu

caminho no meio do matto, um indio Camancho passou alguns passos distante de mim; o sangue gelou-se-me nas veias; se este homem me visse estava inevitavelmente perdida; — não me viu.

Deitei-me outra vez no chão, e esperei assim que rompesse o dia. Pela manhã olhei com toda a cautela em volta de mim, e tranquilla pela solidão, que encontrava, emprendi a minha marcha na direcção do acampamento dos mexicanos.

Antes de chegar lá encontrei um dos do rancho que estava a juntar o gado; este homem, que se chamava Juan José, concorreu mais que algum outro para eu recuperar a minha liberdade. Disse-me que o acampamento dos mexicanos estava cheio de Camanchos; e assegurou-me que se elles me vissem, seria impossivel salvar-me.

Disse-me que me deitasse outra vez, e me escondeu debaixo de um monte deervas secas, depois partiu para se juntar aos mais. Fiquei assim todo o dia; á noite fui de rastos a um regato para matar a sede que se tinha tornado intoleravel. Juan veio pela meia noite trazer-me um bocado de pão, e disse-me que era necessario ficar escondida todo o dia seguinte. Este dia foi ainda para mim de angustias terriveis, porque ouvi os horriveis Camanchos passarem e tornarem a passar em volta de mim, e o meu coração batia de terror quando ouvia os gritos que davam para se chamarem reciprocamente. Juan veio outra vez á noite Trazia-me a mais triste noticia.

Os mexicanos não tinham julgado prudente ir mais longe comigo, disseram-me que devia esperar que voltassem, o que succederia dentro de sete ou oito dias.

Esta decisão causou-me a mais cruel angustia. Ia ficar só ainda uma semana, talvez mais; n'estas regiões onde tantos perigos me ameaçavam.

Comtudo era forçoso sujeitar-me; mas, quando vi a caravana desaparecer no horizonte, pareceu-me ver findar a minha ultima esperança.

Esta vez vi ainda a morte de bem perto, porque a estação tinha-se tornado muito rigorosa, e sem uma circumstancia absolutamente inesperada, teria com toda a certesa morrido de frio.

Junto do fosso onde tinha estado escondida dois dias, vi as ruinas de uma cabana, a que os indios tinham deitado fogo, e que ainda ardia quando elles partiram, não me foi difficil conserval-o; a sua benefica acção me salvou a vida.

Tinha arranjado um abrigo na concavidade do tronco de um algodoeiro, de que tinha tapado a abertura com ramos de arvores e matto; conservava-me n'esta especie de sepulchro até o frio ser insupportavel; então saía, para me aquecer ao brasido, mas com grande susto pela lembrança de que podia ser descoberta pelos indios, o que me causava mais receio ainda do que a idéa de poder ser devorada pelos lobos.

Contava os dias com uma anciedade extrema; o oitavo dia passou todo inteiro sem que apparecesse pessoa alguma. À tarde verifiquei com a mais profunda magoa que já me restava muito pouco pão do que me havia dado Juan, e como já tinha passado o tempo em que as arvores tinham alguns fructos, via abrir-se diante de mim a horrorosa perspectiva de uma morte certa, e morte à fome.

Passaram-se algumas horas n'estes terrores: de repente ouço vozes de homem a chamarem-me a grandes brados; ponho o ouvido á escuta; distingo palavras hespanholas; eram os mexicanos! Tinham voltado! Saí a toda a pressa do meu escondrijo; estava doida de alegria; deitei-me nos braços do pri-

meiro que encontrei. Juan chegou immediatamente, e certificou-me que os gritos tinham sido dados de proposito por minha causa, porque não atinavam com o logar onde eu tinha ficado. Todos os mercadores me rodearam, deram-me um bom cavallo, e recebi de todos os maiores testemunhos de benevolencia durante o resto da minha viagem.

Ao trigesimo quarto dia de marcha, chegámos a Pecos; alli encontrei o major Carleton e Mr. Adams, dos Estados-Unidos; tomaram o maior interesse na minha posição; pude então deixar os meus vestidos de homem, graças aos obsequios de madame Adams que me deu dos seus vestidos.

Depois de ter descansado alguns dias em Pecos, o filho do governador Meriwhether acompanhou-me a Santa Fé, onde me fizeram um acolhimento, que não tenho expressões com que agradeça.

Tudo o que acabo de contar parecer-me-hia hoje um sonho horrivel sem a perda muito real de meu marido, e o roubo tanto para lamentar de meus jovens cunhados.

JEANE ADELINA WILSON.

POESIA

UMA PAIXÃO

ROMANCE EM VERSO E EM CARTAS

(Continuado de pag. 303 do 9.º n.º)

DECIMA CARTA.

FRONTINO A ADELIA.

Não me accuses, Adelia, antes d'ouvir-me;
Importuno não sou, se as letras minhas

Vão mais uma só vez turbar teus ocios,
Pago-o tão caro, que me custa a vida.
Protestos não quebrei, jurado havia,
Nunca mais escrever; — cumpri meu voto; —
Já não vive, quando esta receberes,
O homem que te fez tal juramento;
Livre fica das leis, que os vivos regem.

Ha dois sonhos na vida, que se cumprem
 Ao passar os humbraes da vida eterna,
 Liberdade! —egualdade! —sonho d'homens!
 Eguaes e livres só na campa o somos!
 Se do sepulchro inda é crime o escrever-te,
 Para alcançar perdão d'audacia tanta,
 Invoco pois da campa a liberdade.
 Odios não passam para além das louzas,
 Do morto as cinzas seguirão teus odios?
 O anathema sempre em labios d'anjo,
 É contra as intenções da Divindade,
 Não foi pr'a maldição, que os Deus ha feito.
 Preces de mortos são deveres pr'os vivos,
 Ouve-me, Adelia, e cumpre as minhas preces,
 Era noite, e eu estava a sós comigo;
 Na mente desvairada me surgiam,
 Sonhos d'espectros, larvas pavorosas,
 Com seu sinistro rir, c'o as mãos mirradas
 Apontando-me fito á sepultura,
 Esse abysmo d'horror, a cuja borda
 Tremo o ditoso, mas ri-se o desgraçado:
 A febre me tornava o sangue em fogo;
 Por sobre o coração c'os pés de chumbo
 Uma furia infernal pesava rijo,
 Recalcando-me a dôr pr'o fundo d'alma,
 Os ais tolhendo, os gritos embargando,
 Pesadêlo a velar, sonho acordado,
 Peior mil vezes, quem padece os outros
 Acorde ou morra, soffre só momentos,
 Morre-se sim, mas não se acorda d'estes.
 N'este estado, eu suppuz, sei que é delirio,
 Que a febre ardente fez surgir na idéa,
 Ó haver já descido á sepultura,
 Mas por bisarra lei da Divindade,
 O morto por amor, na sua campa,
 Viver podia *vida de cadaver*,
 Dôr sem lagrimas, idéas sem ter vozes,
 Vontade viva, mas immovel sempre,
 Vendo, mas sem olhar, co'os olhos baços
 Da palpebra ao través scenas do mundo;
 E mais ainda, transparente o craneo,
 Como se vitreo fôra, lèr deixando
 Ao homem morto as idéas que surgiam
 Na mente de qualquer, que vem a vêl-o!
 Serem tão outras das que elle esperava,
 E não ter pr'os punir nos labios rôxos,
 Um sorriso sequer de bem desprêso!
 Vêl-os mentindo ás affeições mais caras,
 Fingindo a dôr, como se ella se fingira,
 Lèr-lhe no coração tanta alegria,
 E vêr a deslisar por o rosto infame
 Pranto que vem morrer no rir dos labios,
 Mas immovel, sem voz, ser-lhe impossivel,
 O epitheto de vis lançar-lhe ás faces!
 Conhecer que no peito dos amigos,
 Da saudade a flôr sécca primeiro,
 Que o ramo d'ellas, que lhe adorna a campa;
 Face a face encarar a eternidade,

D'ampulheta sem fim vêr escoar-se,
 Por cada grão um seculo no mundo,
 Oh que vida cruel, se se vivera!!
 Mas horrivel pr'a mim, tão horrorosa
 Sim, tanto, tanto, que foi este o sonho,
 Que á força de dôr me ia matando,
 Se fôras tu, Adelia, quem viera,
 Passar sorrindo junto ao teu Frontino,
 Não só, mas com teus olhos embebidos,
 Nos olhos d'um rival, as mãos unidas,
 E com teu coração bem junto ao d'elle,
 No unisono bater fallando amores,
 E depois attrahida por o umbroso,
 D'alguma olaia, que me cubra a fronte,
 Cedendo a custo depozeres, córando,
 Um osculo d'amor nos labios d'elle:
 Oh! não venhas, por Deus, oh! de mãos postas,
 Pelas cinzas de um pae, por a mãe saudosa,
 Por teu anjo da guarda, é que te eu peço,
 Esse beijo d'amor, eu o sentira,
 E ardente, como o sópro do deserto,
 Queimára o coração ao pobre morto.
 Sentil-o, e nem sequer ter voz ao menos,
 Com que possa dizer, Adelia, basta,
 Matar-me sim, mas condemnar-me nunca,
 Dares o inferno a quem te deu a vida,
 É cambio pr'a córar o proprio Lusbel,
 E havias parar, se não sentiras
 Sob as plantas tremer o chão da morte,
 Que batêra contra elle a crebros golpes,
 O peito a arquejar saltando aos pulos;
 Mas não, tu has-de vir, mas é sosinha,
 Orar um pouco, pelo teu Frontino,
 Oh! vem sim, meu amor, e se vieres
 Estuda sobre o marmore da campa,
 A parte que ficar sobre o meu peito;
 Une-lhe os labios, falla manso e manso,
 Colloquios de ternura ao teu amante,
 Diz-lhe que o amas, diz que ás cinzas d'elle,
 És e serás fiel até á morte,
 Solta á brisa da tarde os teus cabellos;
 Deixa-os livre roçar por o chão relvoso,
 Talvez que a brisa descuidosa os leve,
 Mesmo para sobre os labios do amante:
 Falla-me sempre, qual se falla aos vivos,
 Diz-me se minha mãe chora por o filho,
 Se a pobre velha, atropellando os passos,
 Vae á proxima ermida orar por elle,
 Se existe o cedro em que entalhei teu nome;
 Se são vivos os pavões que tanto amavas;
 Se as rolas que te dei por prenda d'annos
 Costumam ir comer ás mãos da dona,
 E fechando depois os breves bicos,
 Furtar-te um beijo ao revoar pr'o ninho:
 Conta-me tudo, não m'encubras nada,
 Mas quando tu saíres diz-me sempre,
 Adeus meu querido, meu amado esposo,
 Amanhã volvei a visitar-te,

Não l'esqueças, Adelia, que eu lá fico,
Só, tão só, sem ouvir mais voz de vivo,
Objecto de terror, que só procuram
O mocho triste pr'a piar agouros,
A lua pallida por o alvor das lousas,
Para me allumiar, sem aquecer-me.
Sim, sei que has-de vir, tu és um anjo,
E sobre as campas o logar dos anjos.

.....
A morte chega, vou morrer contente,
Que era a vida sem ti? Não era a morte?
Uma lagrima só por o teu Frontino,
E adeus, ó minha Adelia, adeus pr'a sempre.

DECIMA PRIMEIRA CARTA.

ADELIA A FRONTINO.

Frontino, vive, tu venceste Adelia;
Resistir-te mais tempo é-lhe impossivel;
Com qualquer inimigo a lucta é facil,
Com o proprio coraçõ ninguem a tente,
Quem com elle luctar ficou vencido;
Mas ha grande prazer em taes derrotas:
Venceste, exulta, eu amo-te, Frontino,
Adelia é tua, oh vem, corre, não tardes,
A minha impaciencia é quem te chama.
Louco, chegares tu da campã ás bordas!
Frontino morto, e morto ás mãos d'Adelia!
Perdão, perdão, perdõa á tua amada;

Oh! quanto tarda ouvir dos labios queridos,
Soltares essa voz, dizeres — perdõo.
Queima já, lança ao fogo, em cinzas vôem,
Essas cartas fataes que te hei mandado,
Contra o meu coração eram escriptas,
Traçava a mão o que negava a mente;
Só o meu muito amor é que fazia,
As vezes duvidar das phrases tuas,
Mas agora já não, oh! não, e nunca,
Mal haja e sempre, o excesso do meu zêlo.
Perjuros fossem muito embora os homens,
Para Adelia, Frontino é mais que um homem
Semi-Deus, cuja voz não diz mentira.
Oh vem, mancebo, já a tua Adelia,
O primeiro favor é que te pede.
Tardarás tu agora em conceder-lh'o?

DECIMA SEGUNDA CARTA.

JULIA A ADELIA.

Frontino não irá, Adelia, exulta,
Tu o mataste, e nem sequer ao menos,
Para allivio da dôr leu tua carta,
Foi tarde, só agora o que elle exige,
São tuas orações, é o teu pranto,
Do pobre ao expirar todos ouviram,
Nos labios vir morrer d'Adelia o nome.

FIM DA 1.^a PARTE.

FACTOS DIVERSOS.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR DA REVISTA ESTRANGEIRA.

Paris 8 d'abril de 1855.



FACTO mais importante, e que hoje está chamando mais a attenção publica n'esta cidade, depois da guerra do Oriente, é a grande exposição da Industria Universal, que deve ter logar no proximo mez de maio: procurarei dar-lhes as mais circumstanciadas noticias d'esta grande cerimonia, a tantos respeito, e por tão grandes motivos digna de curiosidade.

Começarei hoje descrevendo o exterior do edificio, que já se pôde admirar em toda a sua perfeição.

Sobre um embasamento muito elevado, todo revestido de placas de marmore verde dos Pyreneus, descansam quatro columnas da ordem corinthia em toda a sua pureza, e cujos perfis são de uma perfeita regularidade. Por cima está um attico ornado de pilastras da ordem composta, e tendo na parte superior as lettras N. E. entrelaçadas. Na prumada d'es-

te attico vêem-se dois genios, apoiando-se sobre as armas imperiaes.

Nos arcos da porta da entrada estão duas famas esculpidas em relêvo, embocando a trombeta.

Um sócco com as armas da cidade de Paris sustenta uma placa de marmore negro, indicando o destino do monumento.

Na altura do attico sobre o friso vê-se um grande baixo relêvo representando a agricultura, as artes e a industria.

No centro d'este baixo relêvo está um busto collocado sobre um pedestal, e lêem-se estas palavras gravadas em letras d'ouro, — Napoleão III, imperador dos francezes.

Finalmente, dominando tudo uma estatua colossal da França, distribue corôas e louros.

Em cada um dos angulos do edificio ha um pavilhão. A fachada principal é formada de tres corpos destacados, mas um mesmo friso reina sobre todo o desenvolvimento do palacio, e separa o plano terreo do primeiro andar. Sobre este friso lêem-se os nomes dos homens mais illustrados de todos os tempos, e de todos os povos, quer nas artes, industria, commercio, ou agricultura.

Nos intercolumnios das janellas estão escriptos os nomes das principaes cidades da França.

Em frente da fachada d'este palacio prepararam-se dois jardins de 65 metros de comprimento, por 18 de largo cada um; estes jardins, circumdados das competentes grades, estão traçados com a maior perfeição que é possivel imaginar.

O imperador Napoleão foi em pessoa, no dia 20 de março, ao palacio abrir a primeira secção da commissão, que deve receber os diversos productos; não envio o discurso que n'essa occasião proferiu, porque naturalmente os periodicos d'essa cidade o terão já todos transcripto.

Já que fallámos em industria dar-lhes-hei algumas provas do poder da industria humana, e do que ella tem conseguido e espera conseguir. Por exemplo, acham-se hoje construidas e abertas ao publico nas diversas partes do mundo, 40,344 milhas de caminhos de ferro, o que faz aproximadamente, 17,678 leguas (das de 4 kilometros) quer dizer, que os caminhos de ferro que este bichinho chamado homem tem construido ha meia duzia de annos para cá, pôde dizer-se, davam duas vezes a volta do globo se os pozessem em linha recta!!

Estes caminhos são divididos da maneira seguinte: — Nos Estados-Unidos, 21,528 mi-

lhas; Inglaterra, 7,744; Allemanha, 5,240; França, 2,480; Belgica, 532; Russia, 422; Italia, 179; Suecia, 75; Noruega, 42; Hespanha, 60; Africa, 25; India, 100; America ingleza, 1,327; Cuba, 359; Panamá, 60; America do sul, 60.

Se V V... publicarem esta estatistica, peço-lhes por caridade, que accrescentem por minha conta — Portugal — palmo e meio, se o vento sul e as mares ainda não levaram o attêrro à Madre de Deus, porque, se já o levaram, então ponham só meio palmo, e não é de mais.

Lá vae mais outra. — Os americanos proseguem activamente na construcção do telegrapho sub-marinho, que deve juntar o novo mundo ao continente europeu. Seiscentos operarios trabalham ha um anno na collocação das estacas e dos fios na parte comprehendida entre Nova-York e S. João, sobre o banco da Terra-Nova, que é o ponto mais proximo da Europa: 1,200 milhas estão já promptas, e conta-se bem depressa poder receber noticias do nosso continente no espaço de 5 a 6 dias; e antes de dois annos, Londres communicará com Nova-York por meio de um fio electrico, e a troca das correspondencias entre estas duas capitaes não exigirá mais de uma hora!!!

Parece-lhe incrivel? Pois saibam V V... que a noticia da morte do imperador Alexandre em 1825 gastou a chegar a Londres 21 dias, e a do imperador Nicolau gastou sómente 4 horas: parece que lá faz alguma differença.

Se ainda acham pouco, a respeito da industria humana, saberão que acaba de morrer n'esta cidade um sugueitinho que ensinou ao mundo o grande segredo de semear peixes como se semeia trigo, ou feijão; agora não pensem V V... que temos algum caso como aquella classica sementeira de sardinhas em certa cidade do nosso Portugal que deu logar ao proverbio: — *se produzir como mostra, grande ceara havemos ter*; não, senhores, estas sementeiras feitas em lagos convenientemente preparados produziram excellentes trutas, e mais peixe de tão boa qualidade, que a sociedade de aclimação zoologica de Paris, acaba de conceder uma pensão de 500 francos á viuva do author e introductor da pisci-cultura, por nome José Remy.

Attento o preço exorbitante a que vae attingindo ahi a carne, segundo me consta, muito convinha vêr se n'essa cidade se introduzia o tal systema da sementeira dos peixinhos, posto que sem isso mesmo, mais de um sugueito tem por lá apanhado seu peixão,

única cousa que invejo n'este mundo, para lhe fallar a verdade.

Ahi vae uma ultima prova da industria humana, e vou mudar já de assumpto antes que enfastie.

Tratava-se agora de acabar a toda a pressa em Londres a nova ponte de Westminster. — Era necessario trabalhar de noite; a simples luz de gaz não allumiava bem os trabalhos, recorreu-se á luz electrica, e com o aparelho competente obteve-se uma luz tão intensa que se podia calcular egual á que forneceriam 70 candieiros de Argan reunidos.

Era tão forte que chegava a offender a vista aos trabalhadores. Excedia muito o mais claro e puro luar que é possível imaginar-se; o custo d'esta luz não é muito superior á obtida pelo gaz.

Bom será que ahi adoptem quanto antes este systema, quando mais não seja para que os contraventores das posturas da camara não escapem por essas esquinas á perspicacia dos zeladores do municipio, quando não... que será de nós?

Ainda na minha ultima lhes noticiava dois casos de pena ultima, e já hoje tenho que participar-lhes mais uma execução na propria cidade de Paris. Foi o celebre Lescure, que na idade de 27 annos subiu ao patibulo, tendo commettido quatro assassinios a sangue frio e uma grande quantidade de roubos.

Arsenio Remond Lescure era natural de Paris, onde tinha aprendido o officio de alfaiate, que exercia quando lhe saíu a sorte para assentar praça.

Nos primeiros annos de serviço, o seu comportamento foi bastante regular, e chegou a sargento no 73 de linha. Depois, estando de guarnição em Nancy, levou baixa do posto, e desde então até que teve a sua escusa em 1852, o seu comportamento foi sempre mau.

Voltando para Paris em companhia de uma rapariga, chamada Montaigu, que tinha conhecido em Paris, Lescure continuou na sua vida crapulosa e extravagante, e de combinação com um certo Gousset, que no momento de ser preso, fez voar os miolos com um tiro, praticou essa serie de attentados horrorosos que o levaram ao patibulo.

No mez de março de 1854, a policia de Paris fazia as mais activas diligencias para descobrir o auctor de muitos roubos de que havia queixas, e com toda a especialidade do assassino de Mr. Bonhommé, negociante de Bray-sur-Seine. O cadaver d'este infeliz, tendo uma corda fortemente amarrada em volta do pescoço, havia sido encontrado nas planicies de Vanves, e verificou-se tambem que

o desgraçado negociante havia sido roubado.

Uma noite, o telegrapho electrico annunciou para Paris, que um crime horrivel acabava de ser commettido em Sens.

A justiça, penetrando na casa de M. Talotte, tinha presenciado o seguinte spectaculo bem horroroso. — No pateo da entrada jazia n'um lago de sangue o cadaver da dona da casa, tendo o pescoço quasi separado do tronco por uma larga ferida, e n'um quarto proximo o marido, que além de uma pequena ferida feita com uma arma de fogo, tinha em volta do pescoço uma corda, de tal maneira arrojada, que os medicos verificaram que tinha morrido estrangulado. Além d'isto, a casa estava roubada.

Ainda mais. — Chauvin era um honrado e laborioso carpinteiro: uma tarde, trazendo consigo trinta e cinco francos, (7\$000 réis) producto da sua feria n'aquella semana, teve a desgraça de entrar n'um baile publico; ahi encontrou a Montaigu com quem teve a imprudencia de sair ás onze horas da noite. Chegando ao Campo de Vanves, dois homens lhe saíram ao encontro; despojado dos seus trinta e cinco francos, o pobre carpinteiro appareceu no outro dia morto, tendo seis voltas de corda passadas em roda do pescoço!!

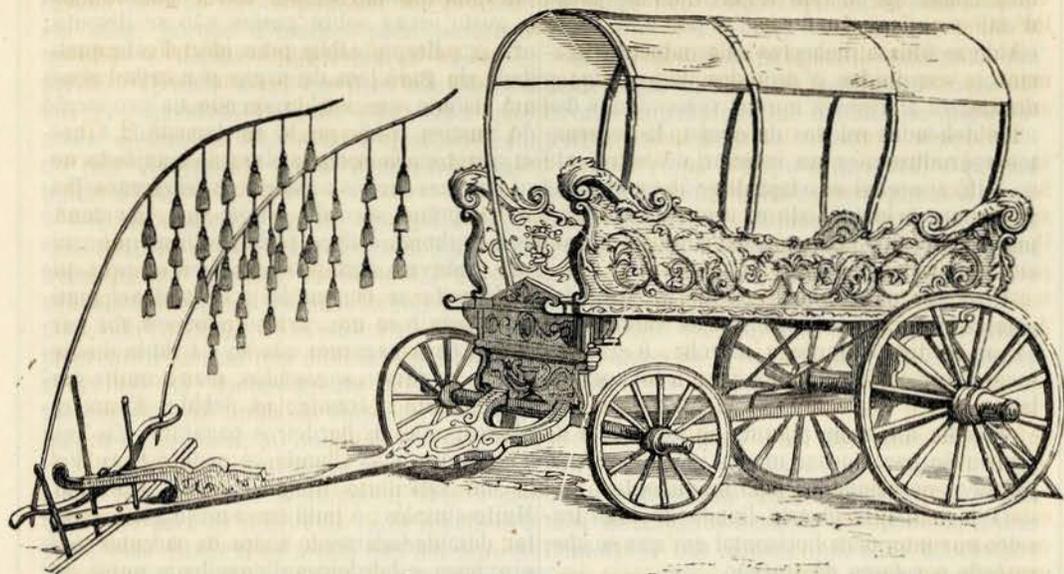
A justiça poude finalmente apurar por alguns indicios que os auctores d'estes crimes eram Gousset e Lescure, e procedeu á sua captura. No momento da prisão, Gousset fugiu para um quarto interior, onde disparou um tiro ao ouvido; Lescure e a sua amasia deixaram-se prender. Esta ultima foi julgada innocente pelo tribunal, e solta; mas Lescure, completamente convencido de todos os crimes acima apontados, foi condemnado pelo juiz á pena de morte.

Ao ouvir a sua sentença, Lescure levantou-se, levou a mão á testa, fez-se pallido e seguiu o *gendarme* sem proferir uma só palavra.

N'esse mesmo dia foi transferido para a prisão da Roquette, ultima habitação dos condemnados, e vestiram-lhe a camisola de força.

No dia seguinte pela manhã, sem perder nada da presença d'espírito que tinha mostrado até esse momento, assignou a sua apelação, que foi depressa rejeitada.

Ao principio recebia com muita friesa as visitas do reverendo Hugon o capellão da Roquette; pouco a pouco foi-o escutando com mais attenção, a ponto que passava muitas horas com elle, mas protestando sempre por a sua innocencia.



Araba, carroagem de Constantinopla.

Tendo sido fixada a hora do supplicio para as sete da manhã, o cadafalso levantou-se no lugar do costume, e não obstante um frio intensissimo, desde as quatro horas da madrugada o povo começou a reunir-se.

As sete horas o reverendo Hugon entrou no quarto de Lescure para lhe annunciar que o seu ultimo momento tinha chegado. « Ah, meu Deus! exclamou o infeliz, que até esse tempo tinha conservado algumas esperanças de commutação de pena.

Passados alguns instantes de abatimento, começou na maior exaltação, exclamando contra a sociedade, a justiça e a rapariga Montaigne.

O capellão conseguiu socegal-o e fel-o seguir para a capella, onde commungou.

No momento em que o executor o estava preparando, o padecente disse-lhe: « para isto não valia a pena de vos incommodar, eu mesmo o faria. — Depois, voltando-se para as pessoas presentes, renovou os seus protestos d'innocencia, attribuindo a Gousset todos os assassinos.

Atravessou com passo firme o espaço que mediava da prisão ao cadafalso, ao pé do qual abraçou o confessor, e lhe recommendou seus paes. Depois subiu as escadas fataes. — Já tinha a cabeça sobre a prancha, e mesmo por baixo do cutello, quando teve logar a scena mais terrivel e horrorosa, que se pôde imaginar; o condemnado

fugiu com a cabeça, poz-se em pé com uma furia terrivel, e escapando ao executor, principiou a correr pelo cadafalso; seguro logo pelo carrasco, era tal o seu furor, que lhe mordeu as mãos até lhe fazer sangue; mas subjugado pelo ajudante e pelo algoz, foi novamente collocado debaixo da machina fatal, e depois de bem seguro, o golpe partiu, e no mesmo instante a cabeça ficou separada do tronco.

Constantinopla está em moda; remetto-lhe pois o desenho e a descripção do desengradado e incommodo transporte chamado *araba*, que prova que os turcos têm mais cuidado com *as suas commodidades dentro de casa*, do que com os meios de se transportarem às casas dos visinhos.

A *araba* é uma especie *d'omnibus* que pôde accomodar dez ou doze pessoas; serve para transportar os habitantes de Constantinopla aos pontos mais ou menos remotos da cidade, ou mesmo aos seus arredores. É coberto em volta de arco, como se julga que o era o carro dos *flamines*, sacerdotes de Roma, tanto que se vê uma d'estas carroagens religiosas figuradas n'uma medalha do tempo de Nero. Este systema de cobertura em volta de arco é tambem empregado nas outras viaturas fechadas que servem para transportar as mulheres dos harens às mesquitas, e ao campo. Na *araba*, a curva é formada por uma porção de panno pregado em arcos de madeira,

que chegam até ao leito do carro. Os dois lados d'este *omnibus* são formados por uma especie de molduras, cobertas de ornamentos graciosos, esculpidos e pintados com gosto; a douradura aformosea muitas vezes alguns dos mais delicados relevos da *araba*. Estes ornatos reproduzem-se no interior do carro, até ao leito, no qual os viajantes vão assentados á maneira oriental, isto é, sem especie alguma de assento ou banco, e só sim com a classica esteira ou tapete.

Uma escada pequena muito incommoda, collocada na parte posterior da carroagem, e que se tira durante a marcha, é o unico meio que lêem os viajantes para irem aos seus logares.

Não ha alli mola alguma ou aparelho de suspensão para tornar menos incommodos os balanços occasionados pelo movimento.

O jogo dianteiro está ligado ao jogo trazeiro por uma peça horizontal em que se opera todo o esforço da tracção.

Á fecha longitudinal adapta-se a canga a que se júnem dois bois que, com a *velocidade* que lhes é propria, puxam esta machina de solavancos, unica talvez no mundo, que faça morrer de saudades e ohamar em altos gritos por as seges de bandeirinha da cidade de Lisboa.

Mas deixemos as seges de aluguel, que em Lisboa nada ha peor, e passemos aos *cometas*, que esses ha-os por lá famosos.

Uma grande novidade para os taes *cometas*, se esta palavra póde significar, homem que come muito, e não estrella de rabo que anda desarvorada por esses ceus, é a seguinte.

Ha um *passarinho* na ilha de Madagascar, de que Mr. de S. Hilaire apresentou alguns ovos á academia das sciencias d'esta cidade: é uma graça; cada um dos taes ovinhos póde conter no seu interior seis canadas de liquido, isto é, anda por 148 dos de gallinha, e 50,000 dos de beija-flor. Olhem VV... que tal ficará um sujeito que tomar uma gemada dos taes ovos monstros! sem ellas já se grita tanto, o que fará depois.

O tal passaro chama-se *epiornis*, mas S. Hilaire entra em duvida se ainda existem alguns vivos, ou se a raça se perdeu de todo. Deus permitta que não, só para ter o gosto de almoçar um dia dois ovos fritos, e ficar prompto de almoços para um anno!

Uma noticia que li ha tempos nos periodicos d'aqui despertou-me uma idéa luminosa, que seria talvez o mais completo salvaterio financeiro se se pozesse em pratica em o nosso paiz, e por isso lh'a remetto.

No cantão de Berne havia uma senho-

ra, muito amiga de ter cães, não lhe gabo o gosto, mas sobre gostos não se disputa; ora em Berne o feliz possuidor d'esta qualidade de gado tem de pagar por cada cabeça um tributo que vae crescendo na proporção do numero e não sei se do tamanho: a nosa apaixonada bernesa dava ao manifesto onze dos taes bichos e pagava por elles um soffriavel tributo; succede porém que, morrendo esta senhora, o fisco póde verificar que mais sete andavam furtados aos direitos, pois que de dezoito se compunha a respeitavel matilha. Seguiu-se um curioso processo aos herdeiros para pagarem não só o tributo dos sete que andavam sonegados, mas a multa correspondente á fraude; os debates foram reñhidos, mas os herdeiros pagaram. Eis-aqui a historia; mas d'onde se poderá tirar d'ella um salvaterio financeiro para Portugal? Muito simples; é publicar a mesma lei, e multar desapiedadamente todos os parentes mais proximos e herdeiros d'aquelles a quem por sua morte apparecerem mais cães do que se sabia que elles tinham em sua vida; olhem VV... que só em Lisboa havia muita gente que multar.

Ahi vae um caso para rir, ou para chorar, conforme VV... quizerem. — Um joven e elegante *torista* andava viajando por a Italia com a sua cara metade, que estava no seu estado interessante. A hora approximase, o marido redobra de cuidados e extremos pela sua cara metade.

O momento chegou, e a senhora deu á luz um robusto e perfeito menino, muito perfeito sim, mas só com uma pequena differença na côr; isto não quer dizer que fosse preto em preto, mas tão pardo que o mais que se podia admittir, por muito favor, é que a mãe fosse branca, mas lá o pae...

Como ficaria o nosso viajante, de mais a mais passando-se o caso n'uma hospedaria? — Correu ao espelho, desejando lá no seu interior achar-se preto, como carvão; mas qual historia, estava branco como leite; foi necessario recorrer ás explicações; a senhora, sendo interrogada, disse que o marido tinha um preto, (por tal signal muito dedicado á sua pessoa e tendo-lhe prestado grandes serviços), que este preto era muito feio, e lhe causava grande horror, e que durante a sua gravidez, muitas vezes pensara n'elle com certo susto, d'aqui viera naturalmente a côr escura para a criança que trazia no seio.

A physiologia dirá até que ponto esta explicação é plausivel; cá de mim para mim, sempre me parece que isto de casamentos está tão mau lá por a Italia, que um pobre homem

casado nem ao menos pôde ter seu pretinho em casa, porque a mulher pôde-lhe tomar quisilia, e depois... as crianças nascerem pardas! verdade seja, que isto não obstará talvez a haverem visinhas que digam que, assim mesmo, o filho é tal e qual o retrato do pae. As vezes o dizem ellas com menos bullas ainda.

Ora, não se cuide agora, que todos os casamentos têm lá d'estes contratemplos; na freguezia de Caestre, ao norte da França, existem dois esposos, casados ha hoje 65 annos, têm tido 13 filhos, (e não consta que algum seja preto) o marido tem oitenta e oito annos e a mulher 83; ambos gosam de uma saúde tão perfeita que ainda se empregam nos trabalhos da lavoura; ao domingo vão pela manhã á missa, de braço dado, e de tarde... como não fica mal a ninguem, vem o seu quartilho para os dois, e ás vezes repete-se a dóse, mas dizem elles a isso que nos museus os preparados anatomicos só se conservam á força de espirito de vinho, e assim vão de accordo com a sciencia. A graça é que ainda não ralharam um com o outro.

Nem sempre ha por cá d'estes quadros completos de amor conjugal e mais virtudes sociaes; pelo contrario apparecem de vez em quando homens taes como este que lhe vou contar, que fazem envergonhar um individuo de pertencer á especie humana.

Na freguezia de Gensac, districto de Libourne, havia (e ainda ha) um homem de sessenta annos, cuja mãe era uma pobre velhita de oitenta annos, curvada já para a sepultura, e mal podendo arrastar os passos. Um contracto e uma cessão de bens obrigava o filho a pagar á mãe uma pequena pensão vitalicia; o barbaço não pôde, ou não quiz esperar que a natureza o livrasse d'este encargo, que lhe transtornava um pouco o seu estado financeiro; uma noite armou-se de uma enorme faca de matto, e duas feridas profundas feitas no pescoço da infeliz octogenaria, foram mais que sufficientes para extinguir aquelle sopro de vida que a natureza não tardaria a apagar.

O homem ficou livre de pagar a pensão á mãe; mas a justiça, que já o prendeu, não lhe ha de deixar muito tempo para gozar das suas economias.

A carne em Lisboa está tão cara, que julgo irá muito a proposito a seguinte demonstração que M. Geoffroy-Saint-Hilaire apresentou n'esta cidade, das vantagens que se podem tirar da carne de cavallo considerada como alimento. — Eis pouco mais ou menos, como se exprimiu este illustre sabio

em duas lições que destinou a este assumpto.

É um prejuizo fortemente enraizado que desacredita na opinião publica a carne de cavallo, attribuindo-lhe defeitos de que é inteiramente isenta.

Assim como o boi e o carneiro, o cavallo é essencialmente herbivoro; nenhum alimento prejudicial se elabora na sua economia; a sua carne, extremamente azotada, serviu por muito tempo ao sustento do homem.

Uma aversão que pouco a pouco se foi desenvolvendo na Europa, substituiu o gosto que tinham os germanos por esta especie de comida; mas a causa d'esta aversão é hoje bem conhecida.

Os scandinavos e os germanos dados ao culto de Odin, criavam com o maior cuidado, e sustentavam em os pastos sagrados uma raça de cavallos brancos destinados a serem immolados aos deuses que elles adoravam; feito o sacrificio, ferviam a carne dos animaes e a serviam nos seus banquetes; tal é a origem da hypophagia que se introduziu em os povos do norte, e que se tornou parte integrante dos seus usos nacionaes, até que o christianismo penetrando na Europa septentrional conseguiu destruir um costume inteiramente ligado aos ritos do paganismo.

Numa carta escripta no oitavo seculo pelo papa Gregorio 3.º a S. Bonifacio, recommenda-se expressamente prohiba o uso d'esta comida; o que se não conseguiu de todo, ao menos por muito tempo, e a raça dos cavallos brancos, que se empregavam nos sacrificios, ainda hoje se conserva nas caudelarias de Frederiksbourgo, pertencentes á corôa de Dinamarca, unico ponto do globo, onde se acha pura de qualquer cruzamento.

Os povos nomades da Asia septentrional, têm conservado uma predilecção sensivel pela carne de cavallo. Entre os europeus civilizados, os dinamarquezes são os primeiros que empregaram esta qualidade de carne. Em 1807, durante o cerco de Copenhague, o governo authorisou a venda d'esta carne, e desde então tem havido sempre carne de cavallo nos açougues.

Ha mesmo em Copenhague um açougue privilegiado, que está debaixo da inspecção da escola veterinaria, e que não vende senão carne de cavallo, pelo preço medio de 25 réis o arratel.

Durante a fome que sobreveio a Paris pela revolução de 1789, a maior parte da carne consumida n'esta cidade durante seis mezes, foi de cavallo, e não resultou doença alguma.

Nas campanhas do Rheno, da Catalunha e dos Alpes marítimos, o celebre Larrey recorreu muitas vezes a este alimento para os seus feridos, e tirou sempre o melhor resultado.

Até aqui o illustre sabio francez, agora nós.

Gato por lebre, ha muito quem tenha comido, mas cavallo por boi, são só os dinamarquezes, e os feridos do barão Larrey! Estes ultimos lá me custa.

Não basta um homem levar com uma bala, mas depois darem-lhe caldos de cavallo, e quem sabe se atraz do cavallo iria seu bocado de burro, porque o caso está em principiar! D'aqui se vê que escuso dizer que me não convenceram as taes lições de Mr. Saint-Hilaire e que em quanto tiver meu *beef de vacca*, irei deixando para os cães os de cavallo, quer seja branco ou preto, e parece-me que não faço mal.

Cuidado com os caminhos de ferro, se uma vez se chegarem a estabelecer n'essa terra; olhem VV... que no anno de 1854 houveram na Inglaterra, Escocia, e Irlanda 676 individuos victimas dos taes caminhos, sendo 223 mortos, e 453 feridos; é uma verba importante no orçamento das desgraças.

Obras gigantescas só as ha verdadeiramente nos Estados-Unidos; alli é pasmar e inclinar a cabeça. — Acaba de construir-se n'aquelle paiz uma fabrica de papel, que tem 300 pés de comprido e 42 de largo, e chega á altura de um segundo andar. N'esta fabrica e n'outra mais pequena que têm proxima, os proprietarios empregam constantemente 130 pessoas.

O papel obtido diariamente, anda por 7 toneladas e meia, (12,960 arrateis!) no valor annual de 500:000\$000 réis.

Deve notar-se que esta fabrica não produz senão papel para imprimir!!

Varios e curiosissimos assumptos se esperam como é natural para a grande exposição que vae aqui ter logar; um dos que estou mais curioso de ver é um grande quadro que vem da Austria para demonstrar os progressos da physica e chimica n'aquelle paiz. A primeira vista o quadro parece uma linda e elegante bordadura, vae-se a ver mais de perto, é todo composto de diversas qualidades de phosphoros! Muito me lembra o nosso amigo José Osti; se elle apanhasse este quadro á mão, que novas invenções por essa Lisboa!

Espera-se outro objecto na exposição, que me tenta um pouco mais. É o maior pedaço de ouro macisso que tem sido encontrado no

mundo, e que vem figurar no Palacio da Industria, mandado de Talaveras-County, no estado da California; o seu peso é de 160 libras, das quaes só 13 são de quartzo: o seu valor é 38:916\$000 réis; o que não me parece ser uma má pitada.

Este pedaço de ouro é dez vezes maior do que um outro que se encontrou em Sonora em 1853, que pesava 217 onças, e cujo valor era 4:250\$000 réis.

Talvez VV... não acreditem que ainda este, não obstante ser mais pequeno, me faria seu arranjo.

Cada vez me convenco mais de que na carreira das maldades humanas não ha ainda um termo conhecido; julgava eu que o nosso Mattos Lobo tinha deixado n'este desgraçado sentido uma reputação que era mui difficil exceder; pois enganei-me! O que se vai ler mostra desgraçadamente que aquelle era um criminoso ordinario, á vista d'est'outro, que seguindo-lhe exactamente os passos, e n'um crime que parece da mesma natureza, soube passar muito além e excedel-o em atroz ferocidade e horrorosa depravação.

Vou traduzir litteralmente o caso, para não se attribuir a arrojo de imaginação.

Tribunal de la Lozere (França.)

A sala da audiencia está invadida pelo publico muito tempo antes da hora marcada para a abertura da sessão. As oito horas da manhã o accusado entra no tribunal; é um mancebo de 28 annos, *de physionomia meiga e timida*; traz o vestido domingueiro dos camponezes, — vestia, collete, calça e lenço preto. Ao entrar na sala, faz-se um tanto córado e abaixa os olhos. — Chama-se Mauricio Rousson; o escrivão lê o auto da accusação, de que vamos apresentar apenas os factos principaes.

Nos ultimos dias de fevereiro de 1851, havia-se commettido um crime espantoso, no districto de S. Germano Calbert. Uma familia inteira, a de Francisco Rousson, da aldêa de Solier, composta de pae, mãe, avó e dois filhos, tinha sido toda assassinada e roubada, escapando apenas muito mal ferida uma menina de seis annos, que não pôde dar, infelizmente, á justiça informações algumas aproveitaveis quanto ao nome do assassino: parecia sim, por varios indicios, que elle era da intimidade da familia, e que as mortes tinham sido commettidas a machado.

Tres annos haviam ja passado depois d'este acontecimento, que nem por isso ia esquecendo na aldêa, quando segundo crime exactamente similhante ao primeiro, veiu ferir de terror os povos do mesmo districto. Em a

noite de 11 para 12 de setembro ultimo, a familia Victor Chabrol, da aldêa de Benison, composta tambem de cinco pessoas, cahiu toda inteira victima do furor de um assassino. O pae foi morto a alguns centos de passos distante de casa, e a mãe e tres filhos dentro de casa. Como da primeira vez, o assassino parecia ser da intimidade da familia; as feridas haviam sido tambem feitas a machado, e os golpes pareciam dados com a mão esquerda; como da primeira vez, havia sido salva como por milagre, uma menina, Irma Chabrol, de idade de 11 annos, que pôde escapar das suas feridas, e que forneceu á justiça os mais preciosos esclarecimentos, designando Mauricio pelo assassino da sua familia. As declarações tomadas pela justiça á mãe de Irma, e a seu irmão, verdade seja que ambos moribundos, vieram confirmar as declarações da menina.

Eis agora algumas particularidades a respeito d'este ultimo crime. Em a noite de 11 para 12 de setembro, a menina Irma Chabrol tinha vindo bater á porta da familia Corbier, que mora menos de um quarto de legua distante da sua casa, pedindo-lhes que lhe acudissem, que sua mãe e irmãos estavam em casa muito feridos, e que ella mesma só escapára fingindo-se morta. A povoação inteira correu, a esta noticia, ao logar do sinistro, e deram com o seguinte espectáculo. — A mulher Chabrol, vestida apenas com a camisa, estava toda desfigurada e coberta de sangue, deitada junto á porta da entrada, como se se tivesse querido arrastar até lá; n'um pequeno pateo estava Julio Chabrol no mesmo estado que sua mãe, e, finalmente, n'um quarto proximo da cosinha estava Fernando Chabrol, menino de 6 annos de idade, atravessado na cama, inteiramente morto, com uma ferida só, mas horrorosa, porque lhe havia separado quasi o pescoço do tronco, a que adheria apenas por uma porção de pelle. Os dois primeiros ainda respiravam.

Quando o juiz procedia ás investigações do estylo, vieram dizer que um cadaver acabava de apparecer a alguma distancia da casa, e correndo-se logo alli, viu-se que era o dono da casa, Victor Chabrol; verificou-se que este desgraçado tinha sido ferido por um golpe de machado na altura da nuca, por alguém que marchava atraz d'elle. A primeira pancada tinha sido dada evidentemente com o olho do machado, e a segunda, que era mais para o lado esquerdo e junto ao pescoço, com o corte, e tinha sido feita com a mão esquerda.

Sabia-se que Victor Chabrol tinha levado

ao sair de casa 800 francos (160,000 réis) para pagar uma divida, mas nem esta, nem outra alguma quantia se lhe havia encontrado; era claro que o haviam morto para o roubar.

Vejâmos agora as provas do crime que se accumulam no réo. — Mauricio Rousson, procurado n'esta noite em sua casa para ser preso, não foi encontrado; ás tres horas da madrugada havia partido para Alais; a gendarmaria só consegue prendel-o n'este sitio: Mauricio não parece admirado, nem mesmo pergunta porque o prendem, senão passado muito tempo.

Trazido á casa onde se commetteram os crimes, não mostra grande sensação, declara comtudo que Victor era o seu melhor amigo. — A todas as perguntas, limita-se simplesmente a dizer: — eu não fiz isto. Ainda mais, a observação mostra que os golpes haviam sido feitos com a mão esquerda; — Mauricio Rousson é canhoto: que o instrumento do crime era um machado, sabe-se que em casa de Mauricio existem tres machados; mas apparece apenas o maior e o mais pequeno, falta o do meio; continuando as pesquisas, em uma casa que Mauricio tinha arrendada no campo, apparece o terceiro machado de baixo de uma pedra, todo sujo de sangue, e tendo ainda adherentes muitos cabellos curtos, e um só muito comprido.

Ainda mais, os sapatos do accusado apparecem todos sujos de sangue! No caminho de casa para Alais apparece entre o matto, um pedaço de fazenda que denota ter sido uma manga, e que é exactamente da mesma côr e qualidade do vestido que Mauricio trazia no dia do crime; esta manga, não obstante ter sido lavada, ainda denota vestigios de sangue.

Os precedentes do accusado são pessimos: seus paes e sua propria mulher, são os primeiros que mais de uma vez lhe tem prognosticado o futuro que o esperava; mau filho, mau marido, mau cidadão, o jogo é o seu enlevo, a taberna o seu prazer.

São talvez as declarações de sua propria mulher e de seu pae que fazem mais peso no animo da justiça, ambos attestam o seu mau comportamento e que se envergonham de lhe pertencer.

Mauricio Rousson, plenamente convencido de todos os seus crimes, isto é, de ter assassinado, a sangue frio, para as roubar, duas familias inteiras, compostas de nove pessoas, entre velhos, adultos e crianças, é julgado unanimemente criminoso e condemnado a pena ultima.

Agora depois d'este longo tecido de horrores, e como para descansar da sua impressãoahi vae uma *noticia nacional*, que ouvi contar aqui por acaso, e que tive a curiosidade de verificar e sei agora que é verdade.

Existe na quinta de Sampaio, da ex.^{ma} sr.^a condessa do mesmo titulo, um homem, por nome Vicente Catella, que conta cento e quinze annos de idade! Come quanto lhe apresentam; gosa de todas as suas faculdades, lembra-se de todos os acontecimentos da sua vida, e o que mais admira é, quando

Suas Magestades foram á caça, á Lagoa de Albufeira (a duas legoas) foi elle a pé áquelle sitio, e voltou no mesmo dia!!

Era carpinteiro e tem sido casado tres vezes, sempre com viúvas, nunca teve filhos.

Ora fico desejando a VV... a longa vida do nosso Catella, mas se casarem, que não seja, como elle, sempre com viúvas, é bom variar em todos os generos, e muito especialmente n'este, é o que conta fazer este que se assigna, segundo o costume.

V. DA M. E B.

MODAS.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO.

1.^a FIGURA. — *Toilette de baile.*

ESTIDO de tulle, cor de canario. A saia tem dois folhos bordados de blonde, bastante afastados um do outro.

Sobre o lado direito, um ramo de flores (fuchsias) de veludo cor de purpura, com folhas de camelias. Corpo do vestido decotado e com um grande bico tanto pela frente como pelas costas. *Bertha* redonda composta de dois folhos de blonde, tendo debaixo do primeiro folho de um e outro lado da manga, um pequeno ramo de flores. O blonde cobre em parte estas flores. Pequenas mangas curtas da mesma fazenda do vestido. Na extremidade da *bertha* de blonde, um ramo de flores sem grandes folhagens.

No cabello, flores de fuchsias. Estas flores acompanham os *bandós* ondulados, e cahem em abundancia sobre o atado do cabello e até á nuca.

Luvras brancas, abotoadas com dois botões de coral. Braceletes de perolas.

2.^a FIGURA.

Vestido de tulle bordado de pequenas perolas brancas, tendo tres grandes folhos co-

brindo inteiramente a saia, porque o primeiro parte da cintura. Cada folho é guarnecido de blonde branco, e tem na parte superior tres ordens de fitas estreitas de setim branco.

Um bello ramo de rosas abertas, com as competentes folhas e botões, levanta elegantemente o primeiro folho, que apanha e vae perder-se no terceiro. Corpo do vestido á grega, guarnecido de fita de setim branco, e folhos de blonde. Uma presilha de diamantes segura, no decote, as duas pregas á grega do corpo do vestido. Penteadado levantado dos lados em rolos. Diadema de estrelas e perolas finas. O atado do cabello á Pradier e com um ramo de rosas. Luvras brancas com uma guarnição de setim branco, e um raminho de rosas. Braceletes de perolas finas em ambos os braços.

OITAVA CARTA.

A viscondessa Ernestina de Saint-Phall, á condessa de L...

Paris 15 de abril de 1855.

STAVA anciosa por te escrever; as festas, as funcções, os bailes, as paradas, e os concertos tem-se succedido aqui com uma rapidez tal, que é quasi impossivel enunciar-los, e no entanto isto ainda é nada em comparação do que se

espera, e do que ha de haver no proximo mez de maio. As modistas preparam as suas melhores invenções, como já le mandei dizer; os armazens enchem-se de estofos de um valor extraordinario. Paris como que se veste de gala para a grande festa da industria que terá representantes de todas as partes do mundo, e que vem honrar com a sua presença o rei e a rainha de Inglaterra, Sua Magestade El-Rei D. Pedro V, o imperador d'Austria, e talvez mais algumas testas coroadas. É preciso comtudo notar uma cousa; na grande physionomia da cidade, ao parecer tão alegre, tão distrahida, tão caprichosa, ha um ponto negro de profunda tristeza, é como a lagrima furtiva da noiva que vae levada ao altar contra as suas inclinações, e tem de recalcar para o fundo d'alma, um amor contrariado, ou uma esperanza impossivel do futuro. — Paris estremece a cada som de advertencia dos seus telegraphos electricos. O luto principia a cobrir mais de uma familia; e os mutilados que voltam da Criméa com as suas cruces de honra ao peito, infundem, é verdade, respeito no publico, e exaltam a coragem franceza, mas fazem estremecer os que têm empenhados na guerra os filhos, os parentes ou os amigos, e que já são em grande numero; mas no entanto dança-se, dança-se e dança-se, que mais queremos nós? Estiveram deslumbrantes os bailes do Hotel de Ville, encantadoras as *soirées* da princeza Mathilde, lindas as reuniões do marquez de Athenas; que bellos *toilettes*, que riquezas, que uniformes, que condecorações, e que luxo, não se pôde imaginar sem se ter visto.

Um baile no Hotel de Ville é muito mais do que qualquer pôde esperar, e mais até do que se julga possivel n'este genero.

Quaes eram as modas que alli predominavam, dirás tu agora? As modas? É quasi impossivel reduzir-as a regras, ou prescrever-lhes limites; cada vez me convenço mais que quem faz a moda é o gosto e o talento da modista, as modas não se imitam, criam-se, ou improvisam-se; mal da modista que consulta outro livro mais do que o seu genio e o seu talento para saber a *coupe* mais elegante de uma manga, a quêda mais ou menos airosa de uma *basque*. Nunca será modista. Quem disse ás nossas principaes directoras da moda que se emancipassem do ridiculo uso de sujeitarem as cinturas das suas freguezas ás exigencias de uma moda exagerada?

Hoje as *cinturas dos vestidos* collocam-se nas *cinturas das donas* que muito ganharam com esta innovação; que importa que hajam

tantos typos diferentes de vestidos, quantas as alluras das pessoas que os usam?

Os vestidos fazem-se novamente com muita roda, mas é preciso evitar com todo o cuidado os ares ultra-pretenciosos das antigas viuvas da corte, ou os excessos ridiculos das bonecas dos salões. Ha senhoras, *soi disant*, elegantes que parecem levar os seus vestidos aos bailes para elles se divertirem, e com tanto que lhes admirem o bem enviado dos folhos, ou o assente das pregas, não lhes importa que se riam d'ellas, ou que lhes não olhem para as caras; illusão perfeita, os adornos criaram-se para que as senhoras brilhem por elles e com elles; os recursos da arte só servem para realçar os que são proprios e naturaes: a desgraçada que é tão destituída de encantos que só pôde causar impressão pela belleza do *toilette* e espera que lhe tolem a cara em honra do vestido, para essas lá vae um conselho d'amiga; — casa, casa e mais casa, e não se desconsolam por isto, porque ás vezes, se o destino assim o quer, lá mesmo casam, casam e mais que casam, que por fim de contas, e aqui baixinho, é ao que nós todas as solteiras aspiramos. Mas deixemos este episodio; as abas, as eternas abas promettem deixar-nos com os estofos de verão, mas como a phenix da mythologia renascirão ainda das suas cinzas para o proximo outono? Parece-me que sim. Hoje, visto a teima invencivel d'este inverno, que entra mais desassombadamente pelo verão do que os alliados por a Criméa, ainda ellas por cá apparecem em quantidade tal, que custa a dizer se estão ou não eliminadas.

Outra novidade, é a falta de toda a especie de barbas de balêa ou outro qualquer meio d'este genero, a não ser os elasticos, para os corpos dos vestidos, e mesmo para os espartilhos; estes corpos dos vestidos sem deixarem de desenhar airosamente a estatura feminina, contornam com graça todas as proporções do corpo, e tiram aquelle ar contrafeito e hirto, e ás vezes mesmo, o martyrio que durante as longas horas de uma festa nos faziam padecer as torturas com o riso nos labios, e torturas taes que a algumas custavam a vida; não julgues agora que isto é redundancia de phrase, ou dito sem significação: no mez passado lia-se nos periodicos d'aqui a seguinte noticia, que comprova bem o que acabo de dizer, quanto aos perigos iminentes do demasiado aperto dos espartilhos. A menina H... apresentava desde a idade de 10 annos, as maiores disposições para engordar demasiadamente, e desde essa epocha tinha empregado todos os meios physi-

cos para obstar ao desenvolvimento do que ella julgava um mal; as barbas de balêa, as laminas de aço, os grossos colchetes, as fitas de linha tinham conseguido conter á somma de esforços, aquelle corpo que tendia por natureza a crescer mais do que a sua dona queria; parecia á primeira vista que todos estes esforços tinham sido bem empregados, pois que conseguindo agradar a um mancebo de uma boa familia, a menina tinha sido pedida em casamento, e com todo o prazer concedida por seus paes. Exactamente, na véspera do dia destinado para o casamento, a menina recolheu-se ao seu quarto um pouco mais cedo. logo depois, sentiu-se uma quêda, a familia acudindo achou-a estendida no chão junto ao leito, e começando a des- apertar o vestido, estava sem sentidos. O medico, chamado a toda a pressa, verificou quando veio, que já estava morta, e analysando cuidadosamente o cadaver, declarou que era alguma dilatação arterial que se lhe tinha rompido no interior, devido ao excesso do aperto a que a menina se tinha entregue desde essa idade tão tenra em que a natureza precisa de todas as suas forças para se desenvolver.

Os novos corpos dos vestidos feitos com os elasticos, evitam todos estes riscos, dão aos movimentos a sua graça natural, e permitem que as senhoras gosem as funcções sem serem martyrisadas para agradar.

As fazendas da moda são hoje estas phantasias de lã e seda, esta bonita mescla que tambem se adapta á transição ainda não pronunciada do inverno para o verão; o gosto individual é que as pôde escolher; n'este genero ha desde os mais elevados preços até aos mais commodos, e por assim dizer, para todas as classes.

Os vestidos á hespanhola com os seus bicos de veludo preto guarnecidos de requife, sobre tafetá côr de castanha, ou de veludo de cores sobre tafetá preto, não os aconselho para ahi; appareceram, e toleraram-se em Paris, n'esta immensa Babylonia, onde as impressões são tão rapidas, onde as variedades no genero são immensas, ahi tornar-se-hiam reparados, e de mais a sua epocha passou, que é o principio da primavera.

Á proporção que a estação se adianta, os chapéos de gogrem cedem o passo aos de crepe lavrado, de uma simplicidade notavel; so-

bre estes chapéos de crepe usam-se as plumas, e uns ramos de flores que acompanham o interior da aba, e quasi que o contornam.

A palha torna a apparecer, como é o seu constante e louvavel costume, mas não cuidades que são estes chapéos de palha solidos e massiços de algum dia, que mais pareciam cabanas de pastores do que enfeites para cabeça. Os chapéos de palha que por aqui se usam o que menos tem é palha!! É uma simples fita de palha arrendada ou lavrada, que as modistas *disfarçam* e misturam á vontade do seu capricho, com as fitas, os rufos, os entremeios e as flores, fica assim o chapéo de tudo, menos de palha, e no entanto a palha é moda.

Alguns ha n'este genero de que a cópa é toda de crepe e só na aba apparece a palha.

Ha uma moda para os chapéos de verão quasi eterna, e muito aproveitavel para a tua Lisboa, são os chapéos de setim branco que não compromettem ninguem, e que, seja dito de passagem, para quem não quer andar variando de chapéo cada mez, quem o trazer está segura que se não anda muito no tom, não está um seculo atrazada n'este genero.

O correio vae partir, e por isso termino por hoje; no mez que vem dir-te-hei já alguma cousa das modas usadas no palacio da Industria, que de certo hão-de regular para todo o verão.

Toda tua

S. PHALL.

Á ULTIMA HORA.

Depois de escripto e impresso o artigo biographico do principe Menschikoff, que se lê na frente d'este numero, pediu elle por falta de saude e obteve a sua exoneração de commandante em chefe das forças russas na Crimea, e todas as noticias são concordes em dizer que falleceu em Perekop, quando recolhia para Odessa; fica assim terminada a biographia d'este personagem, que por uns poucos de mezes concentrou em si e no seu exercito a attenção de uma grande parte do mundo.